



1290002567



FE

TCC/UNICAMP B278r

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**FLÁVIA REGINA DE BARROS**

**A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO: DIFERENTES  
HISTÓRIAS DE MEDIAÇÃO**

**CAMPINAS**

**2005**

*Flávia Regina de Barros*  
TCC/UNICAMP B278r

**Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação**

**Flávia Regina de Barros**

**A relação sujeito-objeto: diferentes histórias de mediação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite.

**Campinas  
2005**



**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Barros, Flávia Regina de  
B278r A relação sujeito - objeto : diferentes histórias de mediação / Flávia Regina  
de Barros. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Sérgio Antônio da Silva Leite.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Afetividade. 2. Mediação. 3. Ensino. I. Leite, Sérgio Antônio da  
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-120  
RP/FE

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka  
(Segunda Leitora)

**Dedico este trabalho...**

**Aos meus pais** como forma de agradecer a minha formação pessoal; como retribuição pela ajuda, apoio, incentivo, dedicação, pelo exemplo e acima de tudo pelo amor.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, por todas as bênçãos e graças recebidas em minha vida.

Ao Professor Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite, pela orientação segura e competente e, principalmente, pela dedicação e amizade presentes em todo o decorrer da pesquisa.

À Professora Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka, pela leitura deste trabalho.

Aos sujeitos desta pesquisa que, com muita disposição e entusiasmo, compartilharam comigo suas experiências escolares.

À minha mãe, pela imensa paciência, dedicação, carinho, amor, pelas idas até Campinas e por tanta atenção.

Ao meu pai, por todo apoio, incentivo e esforço com que proporcionou a realização de mais esta etapa da minha vida.

Ao meu irmão, por fazer parte da minha vida e por sempre me ajudar no que precisei.

Ao Manoel, que mesmo tendo entrado em minha vida já no final desta etapa, me ajudou no que foi preciso, sempre com muita paciência e alegria.

Às amigas Viviane, Amanda, Juliana, Marina e Carol, boas companheiras que tornaram os quatro anos de graduação realmente agradáveis e felizes.

*“O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.” (Paulo Freire)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar relações de mediação desenvolvidas por professores, através das práticas pedagógicas, que produziram efeitos aversivos em seus alunos na relação com determinado objeto, havendo, posteriormente, mudanças nessa relação em função de uma nova história de mediação, com efeitos positivos. Assume-se que essas relações são de natureza marcadamente afetiva, não se restringindo apenas à dimensão cognitiva. Além disso, não são relações imutáveis; no mesmo indivíduo, alterando-se as formas de mediação, pode se estabelecer uma nova relação com o objeto de conhecimento, favorecendo o processo de aprendizagem.

Quatro sujeitos participaram da pesquisa, com os quais foram realizadas entrevistas individuais, em que foi solicitado que detalhassem a experiência de ensino e a mudança, na relação com determinada disciplina, que vivenciaram com os diversos professores (os que provocaram a relação aversiva e os que favoreceram a relação positiva com a mesma disciplina).

Os relatos dos sujeitos foram analisados, individualmente, para que a história de cada um fosse melhor visualizada e a seqüência e os detalhes de cada relato não se perdessem. Dessa forma, de acordo com os conteúdos e falas de cada sujeito, foram sendo criados os núcleos de significação do discurso. Esses núcleos variaram de sujeito para sujeito, pois refletem a história individual de cada um. A leitura do conjunto dos núcleos mostrou que a relação sujeito-objeto depende da qualidade da mediação e que, no mesmo sujeito, essas relações podem ser modificadas, alterando-se a forma de mediação.

Todo o desenvolvimento da pesquisa foi embasado em uma abordagem sócio-histórica, a qual forneceu os subsídios teóricos e metodológicos necessários.

## ÍNDICE

<b>1. Apresentação.....</b>	<b>01</b>
<b>2. Bases Teóricas.....</b>	<b>03</b>
<b>3. Método.....</b>	<b>10</b>
3.1. Fundamentação Teórica.....	10
3.2. Sujeitos.....	12
3.3. Procedimento de Coleta de Dados.....	14
<b>4. Análise dos Dados e Apresentação dos Resultados.....</b>	<b>16</b>
4.1. Análise dos Dados.....	16
4.2. Resultados: Os Sujeitos e suas Histórias.....	17
4.2.1. Sujeito A.....	17
4.2.2. Sujeito B.....	26
4.2.3. Sujeito C.....	35
4.2.4. Sujeito D.....	46
<b>5. Discussão dos Resultados e Considerações Finais.....</b>	<b>58</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>66</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>68</b>
Anexo 1.....	69
Anexo 2.....	76
Anexo 3.....	82
Anexo 4.....	91

## 1. APRESENTAÇÃO

Atualmente, têm aumentado os estudos que focalizam o ser humano integrado, inter-relacionando os aspectos cognitivos e os aspectos afetivos, no processo de construção do conhecimento.

O tema da afetividade tem sido abordado por inúmeras pesquisas e estudos devido à sua considerável importância enquanto fator determinante no processo de desenvolvimento humano, bem como uma condição motivadora no relacionamento professor-aluno, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois estão diretamente relacionados com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais uma capacidade de provocar efeitos subjetivos nos sujeitos: as emoções e dimensões afetivas.

Na escola, o professor é o principal mediador na interação sujeito-objeto. As ações, tanto do professor como do aluno, não são ações isoladas, mas convergentes entre si, onde as discussões e trocas colaboram (ou não) para que se alcancem os objetivos desejados. Considera-se que a natureza da relação entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdos escolares) é também afetiva, e depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na sua relação com o objeto de conhecimento. A qualidade desta mediação, portanto, é fator primordial nesse processo, pois tanto pode direcionar o aluno ao fracasso (mediação aversiva), como pode facilitar o processo de aprendizagem.

Tendo em vista o papel fundamental da afetividade e da mediação do professor no processo de construção do conhecimento, esta pesquisa teve por objetivo identificar relações de mediação desenvolvidas por professores, através das práticas pedagógicas, que produziram efeitos aversivos em seus alunos na relação com determinado objeto, havendo, posteriormente, mudanças radicais nessa relação em função de uma nova história de mediação, com efeitos conseqüentemente positivos.

Foram entrevistados sujeitos que, durante suas vidas escolares, vivenciaram essa dupla relação: tiveram uma relação aversiva com determinada disciplina mas, quando

encontraram um professor que exerceu uma mediação positiva, alterou-se essa relação e os sujeitos passaram a se interessar pela disciplina, influenciando, inclusive, em alguns casos, na escolha da carreira profissional. Serão apresentadas as histórias individuais de cada sujeito para que não se percam os detalhes de cada uma e seja possível evidenciar as práticas que provocaram a relação aversiva, assim como, as que favoreceram a relação positiva.

Sendo assim, com esta pesquisa, busca-se suscitar nos educadores a reflexão sobre suas práticas, contribuindo para o aprofundamento da questão da afetividade no contexto escolar, visando ao aprimoramento de suas relações com seus alunos e, conseqüentemente, proporcionando-lhes condições para melhor se desenvolverem.

O capítulo seguinte apresenta os pressupostos teóricos nos quais a pesquisa baseou-se. Em seguida, descreve-se a metodologia utilizada para a obtenção dos dados. Na seqüência, encontram-se a Análise dos Dados e os Resultados obtidos. Por fim, o capítulo cinco apresenta a Discussão dos Resultados e as Considerações Finais.

## 2. BASES TEÓRICAS

Recentes pesquisas da área da Psicologia Educacional têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano. Percebe-se um enfoque na concepção do ser humano como um todo, envolvendo aspectos afetivos e cognitivos inter-relacionados. Nega-se, portanto, uma visão dualista que o considera enquanto corpo/mente, matéria/espírito, afeto/cognição.

Na psicologia, a visão monista do ser humano tem sido assumida pela abordagem histórico-cultural, defendida por autores como Wallon e Vygotsky. Tal abordagem enfatiza os determinantes culturais, históricos e sociais da condição humana e considera que, no homem, as dimensões afetiva e cognitiva são inseparáveis.

Tendo como referencial teórico esta abordagem, assume-se que é por meio das interações sociais que os indivíduos se desenvolvem. Nesse sentido, assume-se que a dimensão afetiva é parte integrante desse processo e vem se consolidando como de fundamental relevância na constituição do sujeito e na construção do conhecimento.

Henry Wallon adotou, em seus estudos, uma abordagem fundamentalmente social do desenvolvimento do homem, admitindo que este é determinado fisiológica e socialmente, sujeito, portanto, de uma dupla história: a das disposições internas e a das situações exteriores que encontra ao longo de sua existência. De acordo com ele, o biológico – mais determinante no início do desenvolvimento – vai, progressivamente, cedendo espaço de determinação ao social. Segundo Galvão (2001):

*“A influência do meio social está presente desde a aquisição de habilidades motoras básicas, tornando-se muito mais decisiva na aquisição de condutas psicológicas superiores, como a inteligência simbólica. E a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos da sua evolução. O simples amadurecimento do sistema nervoso, portanto, não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. Para que se desenvolvam, precisam interagir com alimento cultural, isto é, linguagem e conhecimento”* (p. 41).

Wallon empenhou, grande parte da sua vida, estudando e tentando demonstrar as relações existentes entre as dimensões afetivas, cognitivas e motoras no desenvolvimento humano. O autor, em seus estudos, diferencia os termos afetividade e emoção, que muitas vezes são utilizados como sinônimos.

As emoções, de acordo com Wallon (1968), são manifestações de estados subjetivos, porém com componentes orgânicos. São, portanto, sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldade na digestão, secura na boca, etc. Além disso, as emoções também provocam alterações na mímica facial, na postura e na forma como são executados os gestos. Acompanham-se de modificações visíveis do exterior, expressivas, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador do meio humano. *“A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, (...) possui sobre o outro um grande poder de contágio”* (Wallon, 1971, p. 91)

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoção (origem biológica). Ela corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, principalmente, quando surgem os elementos simbólicos. Segundo Wallon, é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A possibilidade de representação que conseqüentemente implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos uma certa durabilidade e moderação.

Como é possível perceber, Wallon defende que, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental e que *“as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental”* (Wallon, 1968, p. 49). Ela tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, não tem

*“meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas*

*adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage” (Wallon, 1971, p. 262).*

Através desta interação com o meio humano a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é ainda através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço, “(...) pois são os desejos, intenções e motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos” (Tassoni, 2000, p. 9). De acordo com Wallon (1968), o conhecimento do mundo objetivo é feito de modo sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar.

Dantas (1992) afirma que, para o autor, é a atividade emocional que

*“realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Nesse sentido, ela lhe dá origem” (p. 85, 86).*

Em sua psicogênese, Wallon divide o desenvolvimento humano em etapas sucessivas, nas quais há predominância alternada, ora da afetividade, ora da cognição. Em todas essas etapas, os aspectos afetivos e cognitivos estão entrelaçados, sendo que as conquistas no plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo, e vice-versa. Segundo Wallon (apud Galvão, 2001):

*“Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação” (p. 45).*

Assim como Wallon, Vygotsky destacou, em seus estudos, o importante papel das interações sociais para o desenvolvimento humano. Para ele, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo, ou seja, vai se apropriando das funções culturais. Segundo Rego (2002), *“a estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato, não é suficiente para produzir o indivíduo humano, na ausência do ambiente social. As características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo, etc.) depende da interação do ser humano com o meio físico e social” (p. 57-58).*

Vygotsky também enfatizou a íntima relação entre afeto e cognição. Denuncia que a separação desses dois aspectos *“enquanto objetos de estudos, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de pensamentos que pensam a si próprios, dissociados da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa” (Vygotsky, 1993, p. 6).*

Ao destacar a importância das interações, Vygotsky propõe o conceito de *mediação*, aspecto fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento. Para Oliveira (1997) *“A mediação em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (p. 26).* Ou seja, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado por outras pessoas do grupo social que indicam, delimitam e atribuem significados ao comportamento do indivíduo. Para Vygotsky, é a partir de um intenso processo de interação com o meio social, através da mediação feita pelo outro, que se dá a apropriação dos objetos culturais.

Tendo em vista o papel fundamental do outro, destaca-se um outro conceito central na teoria histórico-cultural, adotada nesse trabalho. Trata-se do conceito de *internalização*, que consiste na transformação dos aspectos externos (concretizados nas atividades entre as pessoas) em processos intrapsicológicos (onde a atividade é reconstruída internamente). Cabe salientar que o sujeito não se mantém passivo durante esse processo, pois o mesmo pressupõe uma reconstrução individual das ações ocorridas no plano interpessoal.

De acordo com Tassoni (2000), Vygotsky, ao defender que o conhecimento é construído no âmbito interpessoal, passando, em seguida, para a esfera intrapessoal – quando o sujeito se apropria do conhecimento – cria o conceito de *zona de desenvolvimento proximal*. Esta é definida como:

*“a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas [isto é, aquilo que o sujeito faz por si só, utilizando-se de funções já adquiridas e consolidadas], e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes [ou seja, tarefas que o sujeito é capaz de realizar, apenas se obtiver ajuda]”* (Vygotsky, 1998, p. 112).

Ou seja, a zona de desenvolvimento proximal revela os modos de agir e de pensar que ainda estão em fase de elaboração da criança e exigem a relação com o outro para alcançarem a autonomia.

Em seus estudos, Vygotsky buscou delinear um percurso histórico a respeito do tema afetividade. Sendo assim, procurava esboçar a transição das primeiras emoções para as experiências emocionais superiores, observando que os adultos têm uma vida emocional mais refinada que as crianças.

Assim como as outras funções psicológicas, Vygotsky considera que a manifestação inicial da emoção parte da herança biológica; porém, graças às interações sociais, ela perde seu caráter instintivo, deslocando-se para o plano do simbólico. A expressão da afetividade pelo sujeito passa a ser, assim, consciente e autodeterminada. De acordo com Leite e Tassoni (2002),

*“Vygotsky defende que uma abordagem ancorada puramente nos processos corporais, além de ignorar as qualidades superiores das emoções, única e exclusivamente humanas, também não considera as transformações qualitativas que sofrem ao longo do desenvolvimento”* (p. 122).

Ao abordarem o tema da afetividade, percebe-se que Wallon e Vygotsky apresentam pontos comuns. Ambos assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando que as emoções, portanto, de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Os autores defendem, também, a íntima relação existente entre o ambiente social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente. Assim, evidenciam que a afetividade está presente nas interações sociais, além de influenciarem os processo de desenvolvimento cognitivo.

Wallon (apud Almeida, 1999) destaca que *“a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”* (p. 51).

Vygotsky (apud Oliveira, 1992) defende que o pensamento *“tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva”* (p. 76).

Assim, evidencia-se que os aspectos afetivos estão presente nas interações sociais, além de influenciarem os processo de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se supor que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela a afetividade em todos os seus aspectos. Pesquisas com as de Tassoni (2000), Silva (2001), Negro (2001) e Colombo (2002) estudaram detalhadamente o possível papel da afetividade no processo de mediação do professor, direcionando o olhar para a relação professor-aluno. Embora essas pesquisas tenham enfatizado a questão da afetividade nas relações que se

estabelecem entre o professor e o aluno, é possível supor que a afetividade também se expressa através de outras dimensões do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Ou seja, “(...) é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação “tête-a-tête” com o aluno” (Leite e Tassoni, 2002, p. 129).

Pode-se afirmar que a qualidade da mediação que ocorre em sala de aula, incluindo todas as decisões de ensino assumidas pelo professor, influenciam sobremaneira a relação afetiva que se estabelece entre os sujeitos (aluno) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. Nesse sentido, assume-se que a natureza da experiência afetiva (prazerosa ou aversiva, nos seus extremos) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto. Deve-se, ainda, destacar que essa relação não é imutável; no mesmo indivíduo, alterando-se as formas de mediação, pode-se estabelecer uma nova relação com o objeto de conhecimento, favorecendo o processo de aprendizagem.

Enfatizando que as relações estabelecidas entre os sujeitos e determinados objetos de conhecimento não são imutáveis, a presente pesquisa buscou identificar, como já apresentado, relações de mediação desenvolvidas por professores, através das práticas pedagógicas, que produziram efeitos aversivos em seus alunos na relação com determinado objeto, havendo posteriormente, mudanças nessa relação em função de uma nova história de mediação, com efeitos positivos. Destaca-se, fundamentalmente, que as condições de ensino, planejadas e desenvolvidas pelo professor, têm implicações no comportamento do aluno, em especial na relação que se estabelece entre ele e o objeto de conhecimento em questão, mas alterando-se essas condições de ensino, alteram-se, também, as relações estabelecidas.

## 3. MÉTODO

### 3.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa utilizou como recurso metodológico a abordagem qualitativa. Dentro desta perspectiva, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Ela desempenha importante papel não apenas nas atividades de pesquisa como em muitas outras atividades humanas. Porém, é necessário conhecer seus limites e respeitar suas exigências.

De início, é importante atentar para o caráter interativo que caracteriza a entrevista, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas semi-estruturadas, como é o caso da presente pesquisa, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém, as quais são buscadas durante o processo. Assim, *“na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica”* (Lüdke e André, 1986, p.34).

Uma característica da entrevista é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados temas. Além disso, segundo Lüdke e André (1986), como se realiza de maneira exclusiva, a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam, sobremaneira, eficaz na obtenção das informações desejadas.

O tipo de entrevista mais adequado para esta pesquisa aproximou-se dos esquemas mais livres, menos estruturados, em função das informações que se quis obter e dos informantes que se quis contatar.

O tema central da entrevista era a mudança na relação dos sujeitos com o objeto de conhecimento, de uma relação aversiva para uma relação afetivamente positiva, em função da qualidade das mediações. Procurou-se identificar as mediações que possibilitaram o desenvolvimento de um sentimento aversivo com determinada disciplina, assim como as mediações que possibilitaram o desenvolvimento de um sentimento afetivo positivo com essa mesma disciplina, que foram fundamentais e possibilitaram uma mudança radical na relação sujeito-objeto, interferindo diretamente na vida de cada um.

Diversos aspectos foram abordados durante as entrevistas para que se tivesse mais clareza sobre as experiências vivenciadas pelos sujeitos desta pesquisa.

Tanto para a relação aversiva como para a relação afetivamente positiva, foram elaboradas questões sobre aspectos pedagógicos desenvolvidos em sala de aula, como, por exemplo: como eram as aulas do professor, quais eram os materiais utilizados durante as aulas desse professor, como era a organização do espaço da sala de aula, como eram as práticas de avaliação, etc. Além disso, foram feitas também algumas perguntas sobre aspectos afetivos, como: quais eram as características mais marcantes dos professores, como era a relação deles com os alunos, como era a relação dele com o objeto de conhecimento da sua disciplina, etc. Buscou-se, ainda, identificar os sentimentos dos sujeitos frente à situação aversiva e, posteriormente, frente à situação positiva.

Houve uma série de cuidados assumidos pela pesquisadora durante a entrevista. Em primeiro lugar, o respeito pelo entrevistado. Esse respeito envolveu desde um local e horário marcados e cumpridos de acordo com a sua conveniência, até a garantia do sigilo e anonimato em relação ao informante.

A pesquisadora desenvolveu uma postura de ouvinte atenta dos participantes, estimulando o fluxo de informações. Essa estimulação, entretanto, não forçou o rumo das respostas para determinada direção; apenas visou garantir um clima de confiança, para que os sujeitos se sentissem à vontade para se expressarem livremente.

Há qualidades específicas que denotam o entrevistador competente, tais como uma boa capacidade de comunicação verbal, aliada a uma postura paciente para ouvir atentamente. Porém, essas e outras qualificações do bom entrevistador podem ser desenvolvidas através do estudo e da prática. *“Não há receitas infalíveis a serem seguidas, mas sim cuidados a serem observados e que, aliados à inventiva honesta e atenta do condutor, levarão a uma boa entrevista”* (Lüdke e André, 1986, p. 36).

É importante que o entrevistador esteja atento não apenas ao roteiro preestabelecido mas também às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. *“Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito. Não é possível aceitar plena e*

*simplesmente o discurso verbalizado com expressão da verdade ou mesmo do que pensa ou sente o entrevistado” (Lüdke e André, 1986, p. 36).*

Um outro aspecto importante da entrevista, que merece ser abordado, é o registro dos dados obtidos. Há duas principais formas de registros, que apresentam seus problemas e suas virtudes: a gravação direta e a anotação durante a entrevista.

Optou-se, nesta pesquisa, pela gravação direta em gravador, uma vez que tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, deixando o entrevistador livre para prestar atenção no entrevistado. Já o registro feito através de notas, durante a entrevista, certamente deixa de cobrir muitos aspectos dos relatos, solicitando a atenção e esforço do entrevistador, além do tempo necessário para escrever.

### **3.2. SUJEITOS**

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram intencionalmente escolhidos, a partir dos seguintes critérios:

- estar cursando o primeiro ano de faculdade, pois o objetivo era identificar experiências vivenciadas no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no curso pré-vestibular;
- ter vivenciado, durante a vida escolar, alguma história aversiva com determinado objeto/disciplina e, posteriormente, vivenciado uma mudança radical nessa relação.

A busca pelos sujeitos iniciou-se com a visita da pesquisadora a diversas salas de primeiro ano de faculdade. Primeiramente, ela apresentava-se à classe como aluna do curso de Pedagogia da UNICAMP, que estava desenvolvendo uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Depois, conversava sobre afetividade e as condições de ensino. Em seguida, explicitava o objetivo da pesquisa e comentava sobre como a qualidade da mediação do professor pode desenvolver, no aluno, um sentimento positivo ou aversivo pelo objeto de conhecimento em questão.

Após essa explicação, os interessados em participar entravam em contato via e-mail ou telefone. Nesta situação, procurava-se identificar se o estudante atendia ao critério estabelecido, ou seja, se havia tido experiências aversivas com determinada disciplina,

havendo, posteriormente, mudanças nessa relação em função de uma nova história de mediação, com efeitos positivos.

De acordo com esses procedimentos, foram escolhidos quatro sujeitos. Apresenta-se, a seguir, a caracterização de cada um deles:

**Sujeito A:** sexo masculino, 20 anos. Mora na cidade de Campinas-SP e, atualmente, cursa o primeiro ano de Engenharia da Computação, em universidade particular da região, no período noturno. Cursou, até o Ensino Médio, em instituições públicas. Vivenciou a experiência aversiva com Língua Portuguesa, da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental. A experiência positiva aconteceu nos 1º, 2º e 3º colegial do Ensino Médio. Seu pai é técnico agrônomo e é ele quem financia a faculdade do filho, pois, o sujeito ainda não trabalha.

**Sujeito B:** sexo masculino, 23 anos. Mora na cidade de Campinas-SP e, atualmente, cursa o primeiro ano de Engenharia Elétrica, em universidade particular da região, no período noturno. Cursou, até o Ensino Médio, instituições públicas. Vivenciou a experiência aversiva com Matemática, da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental. A experiência positiva aconteceu nos 1º, 2º e 3º colegial do Ensino Médio. Hoje, trabalha para poder pagar a sua faculdade, pois não pode contar com apoio financeiro de sua família. Seu pai trabalha como pedreiro e sua mãe é dona-de-casa.

**Sujeito C:** sexo masculino, 22 anos. Mora na cidade de Amparo-SP e, atualmente, cursa o primeiro ano de Ciências Sociais, em universidade pública, no período noturno. Cursou, até o Ensino Médio, em instituições públicas. Fez dois anos de curso pré-vestibular, pois não tinha condições de pagar uma faculdade particular; queria tentar uma universidade estadual. Vivenciou a experiência aversiva com a disciplina História, da 5ª série do Ensino Fundamental até o 1º colegial do Ensino Médio. A experiência positiva aconteceu nos 2º e 3º colegial. Seu pai é professor de Matemática e não podia custear seus estudos. Ele, então, teve que trabalhar, durante dois anos, como empacotador em um supermercado, para poder pagar o cursinho que lhe possibilitou ingressar na universidade.

**Sujeito D:** sexo feminino, 19 anos. Mora na cidade de Campinas-SP e, atualmente, cursa o primeiro ano de Ciências Biológicas, em universidade pública, no período noturno.

Cursou, até a 8ª série, em instituição pública e, o Ensino Médio, concluiu em escola particular. Vivenciou a experiência aversiva com Ciências, da 6ª à 8ª série do Ensino Fundamental. A experiência positiva aconteceu com Biologia nos 1º, 2º e 3º colegial do Ensino Médio. Sua família mora no interior de Minas Gerais e tem uma situação econômica estável. Seu pai é gerente de banco e é ele quem financia os estudos da filha. Quando terminou o 3º colegial, mudou-se para Campinas para fazer um curso pré-vestibular, pois seu objetivo era fazer uma universidade pública.

### 3.3. PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Selecionados os sujeitos, os mesmos foram consultados quanto à preferência da data, hora e local para a realização da entrevista, que era agendada antecipadamente. No primeiro encontro, reafirmou-se o objetivo do trabalho e coletaram-se as informações acima descritas para caracterizar os sujeitos.

Todas as entrevistas aconteceram nas residências dos sujeitos. Foi-lhes solicitado que reservassem um local tranquilo da casa, onde permanecessem apenas ele e a pesquisadora. Essas entrevistas foram marcadas aos sábados, na parte da manhã, pois favorecia os sujeitos que trabalhavam.

As entrevistas foram áudio-gravadas com consentimento dos sujeitos. Foi explicada a importância da gravação, que é uma forma precisa para coleta de relatos verbais. Além disso, como já foi dito anteriormente, a gravação direta permite o registro de todas as expressões orais, deixando o entrevistador livre para prestar atenção no entrevistado.

Foram utilizados os mesmos procedimentos em todas as entrevistas. Logo no início da primeira entrevista, antes de começar a gravação, garantiu-se aos sujeitos sigilo quanto à sua identificação e quanto à identificação das instituições de ensino na qual vivenciaram as experiências relatadas. Aos participantes foi assegurado que as informações fornecidas seriam utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa.

Em seguida, era apresentada a seguinte questão: **“Durante a sua vida escolar, você teve alguma história aversiva com determinada disciplina e, posteriormente, houve uma mudança nessa relação por causa de algum professor?”**

Sempre que necessário, houve a interferência da pesquisadora no sentido de elucidar ou aprofundar algumas questões ou abordar alguns aspectos não mencionados pelos sujeitos. Entretanto, essas interferências não influenciaram o rumo das respostas para determinada direção. O objetivo era estimular o fluxo das informações.

Com todos os participantes foram realizadas duas entrevistas. No primeiro encontro, obteve-se uma descrição de toda a história vivenciada pelo sujeito. Tomando-se por base os relatos do primeiro encontro, a segunda entrevista ocorreu de forma mais direcionada, com o objetivo de levar o sujeito a clarear alguns assuntos relatados ainda obscuros e comentar sobre aspectos não mencionados na primeira entrevista, mas considerados relevantes para a pesquisa. Assim, mais do que a simples descrição da experiência vivenciada pelo participante, buscou-se saber como ele havia significado tal experiência, ou seja, qual o peso afetivo dado por ele àquelas vivências.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Analisar os dados de uma pesquisa qualitativa consiste num processo de organização sistematizada dos materiais acumulados durante a investigação. Essa organização tem como objetivo auxiliar a compreensão e interpretação dos dados, assim como apresentar ao leitor os dados científicos construídos. *“A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspectos importantes do que deve ser apreendido e a decisão do que vai ser transmitido aos outros”* (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 225).

Após o término de cada entrevista, a pesquisadora realizava a transcrição da fita. Conforme já explicitado, com todos os participantes foram realizadas duas entrevistas. Assim, a transcrição da primeira entrevista era atentamente lida pela pesquisadora e as dúvidas eram selecionadas para que fossem esclarecidas na próxima entrevista.

Tendo transcrito e digitado o material da segunda entrevista, iniciou-se a segunda etapa do processo de análise dos dados.

Nesta pesquisa, optou-se por analisar, individualmente, os relatos dos sujeitos. Tomou-se essa decisão para que a história de cada um fosse melhor visualizada e a seqüência e os detalhes de cada relato não se perdessem.

Desta forma, a pesquisadora leu atentamente cada história e, de acordo com os conteúdos e falas dos sujeitos, foram sendo criados os núcleos de significação do discurso (Aguiar, 2001). Estes núcleos variaram de sujeito para sujeito, pois refletem a história individual de cada um. Os anexos desta pesquisa apresentam o produto da análise individual de cada sujeito, assim distribuídos:

- Dados do Sujeito A ⇒ Anexo 1
- Dados do Sujeito B ⇒ Anexo 2
- Dados do Sujeito C ⇒ Anexo 3
- Dados do Sujeito D ⇒ Anexo 4

## **4.2. RESULTADOS: OS SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS**

### **4.2.1. SUJEITO A: “LÍNGUA PORTUGUESA: DE UMA RELAÇÃO AVERSIVA À CONSTITUIÇÃO DE UM SUJEITO LEITOR”**

#### **A primeira professora e seu estilo autoritário**

O sujeito, logo no começo de sua narrativa, relata que sempre teve dificuldades com Português, com a escrita, com a leitura, mas que o problema começou a se agravar a partir da 5ª série devido às atitudes dos professores que teve. A descrição que o sujeito faz da primeira professora evidencia o caráter autoritário que ela apresentava em sala de aula: *“A professora era um verdadeiro desastre. Ela já era um pouco velha. Tinha um estilo autoritário. Gostava de usar sapatos de salto e ficava andando pelos corredores da sala, fazendo toc-toc, com uma régua grande de madeira na mão. Queria impor sua autoridade. Se via que alguém não estava de cabeça baixa trabalhando, ela batia com a régua na mesa para impressionar e assustar. Costumávamos dizer que ela era pré-histórica”*.<sup>1</sup>

#### **A mediação aversiva**

Além do estilo autoritário dessa professora, que já criava um clima de distanciamento entre ela e os alunos, o sujeito relata como ela trabalhava, descrevendo as suas aulas: *“Suas aulas eram sempre a mesma coisa. Pedia três leituras silenciosas do texto, depois ela lia uma vez, sem sentimento nenhum e depois ia pedindo para cada um ler um parágrafo. Em seguida, era uma lista de questões para fazer a interpretação do texto. Não me lembro de ela ter corrigido estas questões uma vez sequer”*. E, segundo o sujeito, nos exercícios de gramática era pior ainda, pois ela não explicava: simplesmente passava um modelo na lousa e pedia que os exercícios fossem resolvidos seguindo o modelo.

---

<sup>1</sup> Todas as citações estão descritas no Anexo 1

O sujeito também relata que a professora não dava oportunidade de fazer perguntas, nem para ela e nem para os colegas, pois *“ela ficava andando pelos corredores exigindo silêncio”*.

*“Ela só dava mais atenção para as meninas que ficavam sentadas nas primeiras carteiras. O resto...era resto”*. Esta fala do sujeito evidencia as discriminações que a professora praticava na sala de aula. O sujeito se sentia como “resto”, pois a professora não lhe dava o mínimo de atenção.

Segundo o sujeito A, a professora não incentivava a leitura: *“Ela sequer deixava a gente escolher os livros, nem chegávamos perto da biblioteca. Ela enchia uma caixa de livros e depois ia distribuindo um pra cada um, não importava se achávamos interessante ou não. E tínhamos que ler, porque tinha que entregar a ficha de leitura”*. Assim, a leitura era tida como uma obrigação, pois a ficha de leitura tinha que ser entregue e os alunos não podiam sequer escolher os livros que julgassem mais interessantes; a professora era quem distribuía e ela não os deixava nem frequentarem a biblioteca.

Em seguida, o sujeito relata que, quando estava na 8ª série, essa professora estava preparando-se para aposentar e, com isso, as coisas pioraram. *“Ela começou a enrolar, não dando matéria pra gente, não passando nada, faltava direto, tirava licença, não dava aula, faltava. Ia, dava uma aula, ao invés de dar duas aulas, ela dava uma aula e ia embora”*. Essa fala mostra bem como o aluno percebia o desinteresse da professora, o descompromisso com a sua profissão e com os alunos.

### **O contato com o segundo professor ainda mais desmotivador**

O sujeito relata que a professora não se aposentou, mas, conseguiu uma licença prêmio, o que lhe deu o direito de ficar três meses afastada.

Com esse afastamento, veio um professor para substituí-la. Entretanto, esse professor não soube e nem se preocupou em perceber as dificuldades dos alunos. Ele começou a dar muita matéria, pedia exercícios para entregar valendo nota, não percebendo que a classe estava com o conteúdo atrasado devido ao descompromisso da primeira professora, como destaca o sujeito: *“Ele começou a exigir muito da turma, nós não tínhamos base nenhuma porque fazia mais de seis meses que a gente não tinha aula”*.

Além de todo esse problema com o conteúdo, que já o deixava desanimado, o sujeito relata que o professor ainda começou a implicar com a letra dele, expondo-o e humilhando-o perante a classe: *“E ele falava em alto e bom som, pra todo mundo da classe, que eu e mais três, mais quatro, precisávamos fazer um caderno de caligrafia, que a nossa letra era horrível, que era melhor a gente voltar pra 1ª série”*.

Segundo os relatos, a implicância do professor era tão grande que ele chega mesmo a comprar um caderno de caligrafia para o sujeito e para os outros alunos que, na opinião dele, necessitavam melhorar a letra. Como relata o sujeito: *“O pior eram as frases que ele escreveu: “O professor João Paulo<sup>2</sup> é o melhor”, “Eu adoro português e o professor João Paulo”, “Devo respeitar meu professor”, eram umas coisas absurdas”*. Para o sujeito, o professor estava mais preocupado em zombar dos alunos do que realmente possibilitar a melhora de sua letra.

### **Os sentimentos provocados por esse contato com o segundo professor**

Percebe-se, nos relatos, que todas essas atitudes do professor produziram, inicialmente, o sentimento de raiva. *“E eu, morrendo de raiva, fui lá, fiz o caderno inteirinho pra ele”*. Mesmo assim, o sujeito fez as atividades no caderno de caligrafia e, mais que isso, entregou até antes do prazo determinado pelo professor. Segundo o sujeito, fez isso tentando agradar o professor, aproximar-se dele e mostrar que tinha vontade, que podia melhorar. *“Mas, ele entendeu tudo errado. Entreguei o caderno, ele folheou o caderno pra ver se estava completo, não fez nenhum elogio, acho que nem reparou na letra. Só olhou pra mim e perguntou: “Você está me desafiando?”*

Como relata o sujeito, o professor não entendeu (ou fez que não entendeu) a sua atitude e a considerou como um desafio. O sujeito salienta que o professor não fez nenhum elogio, nem reparou na letra, evidenciando, de fato, o desinteresse pela melhoria da letra. *“Eu quase comecei a chorar na hora de nervoso. Tentei explicar pra ele que eu só estava tentando mostrar empenho, eu queria melhorar. Mas, ele nem quis saber”*.

---

<sup>2</sup> Todos os nomes aqui citados são fictícios

O sujeito ainda descreve que mais ninguém fez o caderno, ele foi o único que se preocupou em fazer e entregar, mas, o professor não soube reconhecer o seu esforço e ainda *“ele pegou e começou, além de tirar sarro da turma, dos meninos que não fizeram o caderno de caligrafia, ele tirava sarro de mim porque eu fiz”*.

Na entrevista, o sujeito tenta construir uma explicação para essas atitudes: *“Sabe quando parece que o professor dá aula porque ele foi obrigado a dar aula? Não é porque é uma coisa que ele gosta!”* Descreve, assim, uma possível relação de desinteresse do professor pela prática docente.

Completando essas informações, o sujeito ainda relata: *“Nunca nenhum professor meu tinha reclamado da minha letra, o único que reclamou foi esse professor e, ele acabou com a minha auto-estima”*. Isto, certamente, agravou-se com o fato de o professor não ter reconhecido o seu trabalho e menosprezado o seu esforço, contribuindo para que ele ficasse com uma imagem negativa de si mesmo, gerando um sentimento de incapacidade.

O sujeito ainda conta que, enquanto esse professor permaneceu com a turma, o relacionamento com ele continuou difícil: *“Foi essa tortura até a outra professora voltar”*.

### **A volta da primeira professora**

Quando terminou o prazo da licença, o professor substituto saiu e a professora voltou a assumir a classe. Mas, como descreve o sujeito: *“não sei o que era pior, ela continuou não dando matéria nenhuma, uma desmotivação total”*.

O sujeito relata que o desinteresse da professora era tão grande que ela chegou a pedir, várias vezes, para eles, alunos da 8ª série, fazerem desenho livre, somente para ocupar o tempo.

Segundo o sujeito, a professora também não se importava com avaliações: *“Ela simplesmente passou a turma, não fez prova, não fez avaliação, não fez nada”*.

*“Como eu poderia aprender, como eu poderia gostar de português com todos esses traumas. Eu me sentia um incompetente”*. Esta fala do sujeito evidencia que ele percebia o quanto as condições de ensino e a qualidade da mediação podem influenciar a relação sujeito (aluno) e objeto (Português, no caso); a fala “eu me sentia um incompetente” sugere a dimensão dos efeitos dessa mediação aversiva na auto-estima do aluno.

## **A mudança de escola**

Quando terminou a 8ª série, a família do sujeito mudou de casa, para um outro bairro e, assim, ele foi fazer o ensino médio em uma outra escola.

Inicialmente, ele enfrentou dificuldades nessa nova escola, certamente reflexo da história de mediação aversiva que ele tinha tido em Língua Portuguesa, como ele próprio relata: *“todo mundo pegava e tinha uma base em português, participava das aulas, resolvia os exercícios, menos eu”*.

O sujeito demonstra claramente a sua insegurança, o sentimento de incapacidade que o estava acompanhando em uma seqüência de falas da entrevista: *“O que que eu ia fazer, eu teria que perguntar tudo, eu não sabia nada. Então, ficava lá, num canto ainda um pouco desinturmado e literalmente boiando. Aí eu me senti mais incompetente ainda. Eu já não sabia muito, na 8ª série eu não tive nada e ainda encontrei aquele professor pelo caminho. Então, eu estava muito atrasado em relação à turma. Tanto é que todo mundo aprendia as coisas e eu ficava meio pra trás”*.

## **A mediação positiva da nova professora**

A professora de Português, que ele encontrou nesse primeiro ano de ensino médio e o acompanhou até o final do terceiro ano, foi quem o ajudou e o incentivou, através de uma mediação positiva, possibilitando a mudança da sua relação com o objeto (Língua Portuguesa).

Segundo o sujeito: *“Independente de onde terminava a matéria, eu sempre continuava a voltar pra trás porque eu tinha muitas dúvidas”*. A professora percebeu o comportamento do sujeito na sala de aula, sua postura retraída, uma vez que ele nunca conseguia resolver os exercícios e passou a lhe dar uma atenção especial.

Assim, conforme relata o sujeito: *“Eu cheguei, não foi uma vez, foram várias vezes, conforme, depois das 11:30hs, que era o horário nosso de saída, a professora ficava comigo pra fazer a aula, dava uma aula particular pra mim basicamente, pra eu conseguir chegar no mesmo ponto da turma, porque eu era muito atrasado”*. Novamente, o sujeito

ênfatiza que ele era “atrasado”, evidenciando o quanto a sua experiência anterior o tinha marcado.

O relato sugere que a professora, além desses contatos após o horário de aula, estava sempre atenta ao aluno durante as aulas, sempre perguntando se ele tinha entendido, mostrava-se disponível para que ele a chamasse na sala de professores se quisesse tirar alguma dúvida, enfim, era sempre atenciosa e disposta a ajudá-lo.

Segundo o sujeito, ele nunca tinha visto aula de Português como a dessa professora. Para ele tinha sido sempre do mesmo jeito: leituras e interpretações de texto que ele não compreendia; análises de frases que ele nunca conseguia fazer, sempre copiava ou deixava em branco. Mas as aulas dessa nova professora o surpreenderam: *“Ela explicava até a gente entender, a lousa era inteirinha riscada de explicações, se alguém não entendia ela ia explicando até entender. Lia os textos com a gente, mas não simplesmente lia, ela explorava o texto”*.

Ele relata que, para explicar as escolas literárias, ela não colocava, simplesmente, as características na lousa e a única solução era decorar. Essa professora explicava todo o contexto que favorecia o aparecimento das características, fazendo, assim, que fosse realmente entendido, aprendido e não decorado.

O sujeito também conta sobre o incentivo que ela dava para a leitura: *“Incentivava a leitura dos livros para os vestibulares, sempre contava um pedacinho da história e depois dizia: “Pra saber o resto vão ter que ler o livro”*. Na opinião do sujeito, essa forma de trabalhar era muito boa, pois, incentivava a leitura, despertava a curiosidade.

Outro ponto importante destacado pelo sujeito é o fato de a professora preparar as aulas. *“Sabe, ela preparava a aula, ela chegava e sabia o que ia dar. Ela não ficava lá, perdida. Sempre procurava animar a aula, trazia coisas diferentes pra gente não ficar só no livro”* Para o sujeito, a professora saber o que vai ensinar e preparar as aulas, faz com que o aluno tenha mais confiança, mais certeza no que ele está aprendendo, além de ter a possibilidade de fazer atividades diferentes, não ficando preso somente ao livro.

## **A ajuda dos colegas**

Além da mediação positiva da professora, o sujeito descreve a importância da ajuda dos colegas para que ele passasse a se interessar por Língua Portuguesa.

Ele relata que o trabalho grupal ajudou-o bastante mas a professora, novamente, teve um papel importante, pois, como era ela que organizava os grupos, tinha a sensibilidade de compô-los com alunos que tinham mais facilidade e poderiam ajudá-lo. *“Me ajudou bastante trabalhar em grupo. Geralmente, era ela que montava os grupos, então, ela me colocava com algumas pessoas que tinham mais facilidade e elas me ajudaram também a estudar”*.

## **Os cuidados da professora na avaliação**

Segundo os relatos, a professora também demonstrou atenção e cuidado com relação à avaliação do sujeito. Ela soube compreender as dificuldades dele e procurava ajudá-lo, ao invés de prejudicá-lo, conforme ele próprio relata: *“Então, ela sabia das minhas dificuldades e, ao invés de ressaltar os pontos em que eu tinha problemas, ela procurava destacar o que eu tinha feito certo, onde eu tinha ido bem. Ela sabia das minhas dificuldades e entendia, ao invés de ficar dando nota baixa pra me menosprezar. Ficava quase igual às outras, só que em relação ao que eu tinha aprendido”*.

Os dados sugerem que esse cuidado com relação à avaliação é um ponto muito importante que se relaciona com a formação da auto-estima positiva.

## **Os sentimentos provocados pela mediação positiva**

Todos esses cuidados da atenção da professora com o sujeito, enfim, toda essa mediação positiva, provocaram alguns efeitos e muitos sentimentos no nele. *“Toda vez que ela me encontra nas ruas, ela me cumprimenta e fala que eu fui um ótimo aluno”*. O sujeito faz esse relato na entrevista com bastante entusiasmo, demonstrando quanto o reconhecimento da professora representou para ele.

Descreve, claramente, na entrevista, que aprendeu a gostar de Português pelo fato de a professora insistir com ele e apoiá-lo. *“Só consegui me recuperar, me empenhar para aprender português por causa do jeito da D. Teresa. Tinha um jeito calmo e tranqüilo, mas, ao mesmo tempo contagiante, é essa é a palavra. Demonstrava gostar, ter verdadeira paixão pelo ensino de português”*. O próprio sujeito destaca, nessa fala, ter identificado a importância de ter uma professora que gosta do que faz.

Os dados demonstram que essa professora teve uma importância fundamental na vida desse sujeito. Ela buscou incentivá-lo durante todo o tempo. Ele relata que, quando estava no final do terceiro colegial, lembra-se das palavras da professora reconhecendo os resultados do trabalho que tinham feito juntos durante os três anos: *“Falou assim: Rodrigo você conseguiu e eu tenho certeza de que o que você aprendeu aqui você vai usar bastante mesmo que você faça Engenharia”*. Ele conta que a professora passou a conhecê-lo muito bem, que ela sempre procurava saber sobre o que ele mais gostava e, assim, ela sabia que ele gostava de computadores e que queria fazer Engenharia da Computação.

É notável, nas falas do sujeito, que ele guarda as boas recordações dessa professora. Ela, com certeza, atuou, de forma fundamental, na constituição da sua auto-estima, incentivando-o e apoiando-o nas atividades que ele ainda não conseguia dominar sozinho. E, ainda, buscou descobrir novas qualidades no sujeito, ajudando-o a ter uma outra visão de si mesmo, valorizando-o. *“Por isso, agradeço de verdade a D. Teresa, porque ela não ficou, como posso dizer, me reprimando por causa da minha letra. Com a ajuda dela, eu fui melhorando em português, junto com ela, fui descobrindo outras qualidades”*.

### **A nova relação com Português e a constituição do leitor**

Segundo o sujeito, sua letra não melhorou muito. Mas, ele conta que hoje consegue dizer isso sem se sentir mal, sem ter vergonha. *“Hoje, eu sei que eu posso aprender português mesmo não tendo uma letra muito bonita, é só algum professor ter vontade de dar aula e ajudar os alunos com mais dificuldades”*. A professora conseguiu ajudá-lo a descobrir outras qualidades, não dando tanta importância se a letra dele era feia ou bonita.

Um outro aspecto desse processo foi que a professora o incentivou a descobrir a leitura. O sujeito relata que a forma como a professora trabalhava com literatura, relatando

partes dos livros sem contar o final, criava um clima de suspense que incentivava os alunos a lerem. Ele conta que leu alguns livros da literatura por causa da curiosidade que esse jeito da professora trabalhar despertava. No mesmo sentido, relata que: *“Com ela, também comecei a me interessar pela leitura de jornais e revistas”*. Segundo o sujeito, a professora levava a Folha de São Paulo e a revista Veja para trabalharem em sala; às vezes, pedia o trabalho em grupo, às vezes pedia individual. Então, ela distribuía os jornais e as revistas para os alunos lerem e pedia para escolherem, em grupo ou individualmente, a reportagem que haviam gostado para, em seguida, fazerem uma apresentação para a sala. Como conseqüência, o sujeito reconhece: *“Hoje, tenho o hábito de ler jornais aos domingos. Pedi para o meu pai começar a assinar a Folha logo que terminei o 3º colegial, já que não ia mais ler na classe, queria ler em casa. Não vou dizer que leio o jornal inteiro, mas, vou procurando as notícias mais importantes, o que tem mais haver comigo”*. Essa fala sugere que esse trabalho com jornais e revistas foi muito significativo para o sujeito, pois, ajudou-o a se constituir em um leitor.

O sujeito também atribui a esse trabalho com jornais e revistas, sua melhora no jeito de escrever, de elaborar textos, de fazer redações. *“Quando a gente lia a notícia, depois a gente tinha que reescrever o que a gente tinha entendido para apresentar, então tinha que ser um texto bom, pra todo mundo entender. Quanto mais a gente lê, mais informações a gente vai guardando, assim os textos saem melhores”*.

#### **4.2.2. SUJEITO B: “A MUDANÇA NA RELAÇÃO COM A MATEMÁTICA COMO UMA PONTE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL”**

##### **A professora não enxergava as dificuldades do aluno**

O sujeito, logo no começo de sua narrativa, relata que sempre teve dificuldades com Matemática. Segundo ele, essas dificuldades só foram aumentando, pois, a professora não sabia mostrar o sentido, as aplicações de tantos cálculos e expressões da Matemática: *“Tinha aquelas expressões, com  $x$ ,  $y$ , pra descobrir, aquela decoração de fórmulas, fórmula de Bhaskara e outras tantas que eu não entendia da onde surgiam”*.<sup>3</sup>

Ele conta que teve a mesma professora, da 5ª à 8ª série e passou esses quatro anos sem aprender Matemática. Ele relata que passava de ano raspando, fazia recuperação em todas as provas de Matemática e, o que era pior, não tirava boas notas na recuperação: *“era aquele “cezinho”, que pra falar a verdade nem eu sei da onde vinha, quando eu recuperava, às vezes nem conseguia”*.

Assim, o sujeito descreve tristemente: *“Era incrível, eu era o motivo de riso da classe, todas as provas eu tirava nota baixa”*.

##### **A cola como tentativa para tirar uma boa nota**

O sujeito relembra, na entrevista, de um episódio em que ele tentou colar para ver se, assim, conseguia tirar uma boa nota. Ele conta que estava na 7ª série e, para variar, não sabia nada. Então, tinha uma turma da classe dele que também não sabia muito e eles colavam. Ele resolveu, então, seguir esse mesmo caminho e colar também.

Mas, as coisas não deram certo para ele; a professora o pegou colando e, na entrevista, ele descreve como isso aconteceu: *“Acho que foi o pior dia da minha vida. Ela*

---

<sup>3</sup> Todas as citações estão descritas no Anexo 2

*fez um escândalo, arrancou a minha prova e começou a gritar: “Mas, você é um incompetente mesmo!”; “Aonde você acha que vai chegar, colando desse jeito?”; “Você não sabe nada de matemática, acho que não ia nem entender a cola, se é que ela tá certa!” Então, ele relata, detalhadamente, as atitudes da professora, os gritos e as falas, com palavras fortes e marcantes no que diz respeito à capacidade e competência do sujeito. E, em seguida, ele descreve o estado em que ele ficou: “Eu fiquei lá parado, não conseguia abrir a boca, parecia que eu tinha entrado em estado de choque, só ouvia os risinhos e os comentários da classe”.*

No relato do sujeito, aparece, claramente, que a cola foi como uma tentativa para tirar uma boa nota, já que a professora não enxergava as dificuldades dele: *“Eu sei que é errado colar, eu já sabia desde aquela época, mas foi uma saída que eu achei, a professora não ajudava, não explicava nada direito”.*

### **A pressão familiar**

Além de todas essas dificuldades que o sujeito já enfrentava na sala de aula, ele ainda enfrentava dificuldades em casa: não podia contar com o apoio da família.

Ele conta que seu pai era pedreiro e que, o sonho dele, era que seu filho (o sujeito) se formasse em Engenharia Civil – ele relata que desde pequeno ouvia isso. Mas, o sujeito descreve que a sua mãe ia às reuniões de pais na escola, via as suas notas baixas de Matemática e, chegando em casa, contava para o pai. Na seqüência, o sujeito descreve suas atitudes quando recebia essas notícias, repetindo as falas de seu pai: *“Como você vai ser engenheiro com essas notas de matemática?”; “Será possível que você quer ser igual eu, um simples pedreiro?”.* Ele fala da tristeza que sentia ao ouvir seu pai falando desse jeito; tinha a sensação que estava sendo uma decepção para ele. Então, como se não bastassem as dificuldades em sala de aula, tinha toda essa pressão familiar, que o desmotivava ainda mais, aumentando seu sentimento de inferioridade.

## A mediação aversiva

Em seguida, o sujeito relata como a professora trabalhava, descrevendo as suas aulas: *“As aulas eram péssimas! Desanimadoras pra falar a verdade. Geralmente, colocava a fórmula na lousa, passava um monte de exercícios que, para resolver, bastava aplicar a fórmula. Não fazia deduções das fórmulas, o que poderia ajudar a gente entender. O único jeito era decorar!”* Completando essas informações, ele reproduz, na entrevista o que a professora falava a respeito da Matemática em sala de aula: *“matemática se aprende fazendo exercícios, treinando”*. É possível perceber, nos relatos, o quanto o sujeito ficava indignado com essas falas; ele afirma que estava na escola para aprender e não para treinar; para ele, treino era decorar sem entender. Ilustrando isso, o sujeito conta que bastava mudar um pouco o enunciado dos exercícios que ninguém mais conseguia resolver, porque não tinham sido treinados para aquilo.

Algo que fica muito claro, ao analisar os relatos, é o medo que o sujeito tinha da professora. Ele conta que, antes de ocorrer o episódio da cola, ainda tentava fazer perguntas para a professora, ia na mesa dela pedir para explicar novamente, de um outro jeito porque ele não tinha entendido. Mas, não era algo natural, espontâneo; ele fala que pensava muitas vezes antes de ir, tinha que se encher de coragem, pois, a professora era grossa e sempre falava que ele não prestava atenção e que ela não ia ficar explicando de novo.

Essas tentativas de conversa e de aproximação com a professora aconteceram antes do escândalo que a professora fez quando o pegou colando, porque ele conta que: *“Depois da cola, não perguntava mais nada, eu tinha até medo de olhar pra ela, acho que ela até dava graças a Deus”*.

Nos relatos, é possível perceber que o sujeito interpreta tais atitudes da professora como um descompromisso com a profissão, de alguém frustrado e que não gosta do que faz. Segundo ele, não havia um dia em que ela estava bem humorada: eram só reclamações, tinha dores de cabeça diariamente.

## Os sentimentos do aluno

Percebe-se, nos relatos, que todas essas situações aversivas, vivenciadas pelo sujeito, foram produzindo alguns sentimentos no aluno.

Ele conta que as suas dificuldades só aumentavam por causa das atitudes e da desatenção que a professora tinha com ele; até o final da 8ª série, era “*recuperação em cima de recuperação*”. Ele fala, que além das dificuldades com o conteúdo, tinha que ficar agüentando as brincadeiras dos colegas e da própria professora. Então, como o próprio sujeito relata: “*Fui ficando cada vez mais quieto, na minha. Falava muito pouco na sala*”. Através dessa descrição, é possível perceber o quanto essas experiências negativas o estavam marcando.

Os relatos evidenciam o quanto as condições de ensino e a qualidade da mediação influenciam a relação sujeito (aluno) e objeto (Matemática, no caso), pois, como destaca o sujeito: “*Comecei a encarar a matemática como a matéria mais sem importância de todas, eu não tinha vontade de estudar, me sentia incapaz de entender*”. A fala “me sentia incapaz de entender” sugere a dimensão dos efeitos dessa mediação aversiva na auto-estima do aluno.

Na entrevista, o sujeito destaca que a professora não conseguiu, e nem se empenhou, para conseguir lhe mostrar o sentido da Matemática. Ele completa: “*o que foi pior, colocou o problema em mim, eu era o “burro” que não sabia fazer nada*”.

É muito marcante um trecho da entrevista em que apreço, claramente, o quanto essa professora atuou negativamente na constituição da auto-estima do sujeito. As palavras que ele utiliza no relato para descrever os seus sentimentos, perante toda essa mediação aversiva, demonstram muito bem isso: “*Quando algum professor te expõe pra classe, fica “tirando sarro” das suas dificuldades, ele destrói tudo. Você não consegue mais aprender. Você fica com vergonha, com medo, acha que tudo o que você faz ou fala tá errado, que alguém vai ficar dando risadinhas. A gente realmente perde a confiança no que a gente pode fazer. Foi o que aconteceu comigo*”.

## **A mudança de escola**

Quando terminou a 8ª série, o sujeito foi fazer o Ensino Médio em uma outra escola, pois, sua família mudou-se de casa. Pelo que é possível perceber do relato, a relação com a professora e com os próprios colegas da classe, não era, realmente, muito boa, como o sujeito declara: *“Eu dei graças a Deus né... eu me sentia péssimo naquela escola”*. Ele avalia que não iria sentir nenhuma saudade, de nada e nem de ninguém, naquela escola.

## **A mediação positiva**

O professor de Matemática, que ele encontrou nesse primeiro ano de Ensino Médio e o acompanhou até o final do terceiro ano, foi quem o ajudou e o incentivou, através de uma mediação positiva, possibilitando a mudança da sua relação com o objeto (Matemática).

O sujeito relata que já deu para perceber a diferença entre os dois professores na postura que cada um tinha em sala de aula. Aquela primeira professora estava sempre de mau humor, não fazia nenhuma questão de ser simpática, atenciosa com os alunos. Agora, esse novo professor era totalmente diferente, como descreve o sujeito: *“Ele era uma pessoa muito feliz. Estava sempre de bom humor. Tratava muito bem todos os alunos, chamava todos de “amigo”. Era: “Bom dia amigos”; “Entenderam amigos”*.

E o sujeito conta que todo esse ótimo estado de espírito do professor refletia nas aulas dele, contagiava os alunos. Assim, suas aulas eram sempre animadas, participativas; ele incentivava muito os alunos para que sempre perguntassem caso tivessem alguma dúvida: *“Se ele terminava a explicação e ninguém perguntava nada ele brincava: “ninguém tem nenhuma dúvida, eu sou tão bom assim?”*

Mas, segundo o sujeito, muitas vezes, ninguém tinha dúvida mesmo. Ele fala que o professor explicava muito bem; que ele contava as histórias dos grandes matemáticos e o que os levava a estudar determinados fenômenos; com brincadeiras, ele ensinava a resolver equações e problemas de probabilidade; sempre fazia as deduções das fórmulas para que se entendesse da onde elas surgiam. Essa forma de ensinar fazia com que as aulas ficassem bem mais interessantes; ele mostrava o sentido e as aplicações da Matemática, fazendo com

que o conteúdo fosse realmente entendido, não se restringindo a simples aplicação de fórmulas.

Mesmo assim, com toda essa mudança em relação à antiga professora, na forma de dar aulas e no tratamento com os alunos, o sujeito enfrentou dificuldades, certamente reflexos da história de mediação aversiva a que ele havia sido submetido anteriormente. Assim, ele vai mal na primeira e na segunda prova aplicada pelo novo professor. *“Apesar, de ter começado a gostar das aulas de matemática, eu ainda não tinha conseguido aprender porque me faltava base, tinha coisas básicas que eu não sabia”*.

O professor, vendo que ele havia ido mal, demonstra toda a sua atenção e preocupação, chamando o sujeito para conversar. O professor queria entender porque ele estava indo mal.

Nessa conversa, o sujeito lembra que até sentiu vontade de chorar, contando para o professor tudo o que havia acontecido com ele, a relação que teve com a antiga professora, como ele se sentia com relação à Matemática. Contou, inclusive, o sentimento de decepção que ele sentia estar sendo para o pai, que queria tanto que ele fosse Engenheiro.

O sujeito relata que o professor ouviu tudo e se mostrou muito preocupado. Como lembra o sujeito, o professor buscou incentivá-lo, falando que ele não deveria se sentir assim; que ele deveria fazer o que tivesse vontade, o que gostasse e não deixar que o pai o ficasse pressionando. Mas, que agora ele tinha a possibilidade de aprender e poder gostar da Matemática.

A partir dessa conversa, o professor que já era atencioso, que dava aulas muito boas, com ótimas explicações, sempre envolvendo os alunos, passou a dar uma atenção especial ao sujeito: *“Passava sempre pela minha carteira enquanto a gente estava resolvendo os exercícios, sempre me ajudava, me explicava. Dava folhas extras de exercícios para eu resolver em casa. Ele corrigia e sempre me incentiva, falava que eu estava melhorando muito”*. Observa-se que, na interpretação do sujeito, essa atenção do professor dedicada a ele, mostrando-se sempre disponível, para que ele fosse tirar alguma dúvida, o fato de estar sempre motivando-o e incentivando-o, falando que ele estava cada vez melhor, tudo isso foi de fundamental importância, melhorando a auto-estima do sujeito e contribuindo para que houvesse uma mudança afetiva na relação com a Matemática.

O sujeito também comenta a respeito das folhas extras de exercícios que o professor pedia que ele resolvesse em casa: *“Ele sempre vinha me perguntar como estava indo, se eu estava conseguindo resolver. E quando eu não conseguia entender alguma coisa, eu falava pra ele, e era só ele ter um tempinho que ele me chamava pra explicar”*.

Com relação às avaliações, o sujeito relata que: *“Ele sempre me mostrava na prova o que eu tinha errado, me explicava o porque e isso me ajudava a não errar de novo a mesma coisa”*.

### **A ajuda dos colegas**

Além da mediação positiva do professor, o sujeito descreve a importância da ajuda dos colegas para que ele passasse a se interessar por Matemática.

Ele relata que, às vezes, no final da aula, o professor dava um desafio de acordo com a matéria que ele havia dado no dia e pedia que, em grupo, pesquisassem em casa e tentassem achar a solução do desafio. Segundo o sujeito: *“Era legal, porque todo mundo conseguia resolver. O trabalho em grupo me ajudou bastante, me fez ganhar confiança”*.

Outro ponto importante é que o professor, vendo as dificuldades de alguns alunos, a do sujeito inclusive, resolveu organizar a sala em duplas, para que um pudesse ajudar o outro. O sujeito conta que, nas primeiras vezes, foi o professor quem compôs as duplas. *“Pra mim foi bom, porque eu era aluno novo e ainda não tinha muitas amizades”*, relata o sujeito. Além disso, o professor tinha a sensibilidade de colocá-lo com um menino que tinha mais facilidade para que, assim, pudesse ajudá-lo. É interessante notar, na entrevista, a relação que o sujeito construiu com esse colega da classe; eles se tornaram muito amigos, como descreve o sujeito: *“Até hoje sou amigo dele. Nós ficamos amigos de sair juntos inclusive. Quando ele deixava livre pra escolher a gente continuava junto”*.

O sujeito fala que o professor ajudou-o bastante, possibilitando que a sala trabalhasse em duplas. É muito marcante, no relato, a descrição que o sujeito faz da importância que esse amigo, que fazia dupla com ele, teve na sua vida: *“Ele teve que ter muita paciência comigo no começo, muitas vezes nós ficávamos atrasados porque ele tinha que ficar voltando pra explicar pra mim. Mas, ele não desanimava, ao contrário, quem*

*ficava irritado por não saber era eu, mas, ele tinha paciência e conversava comigo, falava que eu tinha que ter calma, que eu ia aprender”.*

### **Os sentimentos provocados pela mediação positiva**

O sujeito fala que todas as atitudes positivas do professor – a atenção, o apoio, o incentivo – foram muito importantes para ele. Ele conta que tudo isso foi refletindo nas notas obtidas: *“Eu não tirei logo um “A”, mas, fui melhorando aos poucos”.*

Ele relata que esse professor foi homenageado pela sua turma, e por outras também, na formatura, pois, segundo o sujeito, todos reconheciam o ótimo trabalho que ele desenvolvia, contribuindo muito para a formação dos alunos.

O sujeito comenta sobre a diferença que fez na sua vida ter um professor como ele. Ele descreve que o professor mostrava uma vontade de ensinar que contagiava os alunos; todos se empenhavam nas suas aulas, não ficava ninguém sem fazer nada, todos tentavam resolver os exercícios, sempre podendo contar com a ajuda dele ou com a dos colegas que tivessem mais facilidade.

Fica muito claro, na entrevista, que toda essa mediação positiva provocou muitos sentimentos no sujeito: *“Eu aprendi muito com ele, agradeço por todos os elogios e palavras de incentivo, por mostrar onde eu podia e precisava melhorar, mas, sem me expor pra classe, simplesmente conversando comigo. Acho que hoje eu aprendi a me valorizar mais, mostrar para as pessoas o que eu quero, o que eu posso fazer”.*

O sujeito relata que o professor soube compreender as suas dificuldades e procurava ajudá-lo, ao invés de prejudicá-lo. Ele ressalta a importância de o professor não expô-lo para a classe, ficar fazendo comentários, evidenciando as suas dificuldades: *“Se ele tinha alguma coisa pra falar, ele sempre me chamava na mesa dele ou pedia pra conversar comigo no intervalo. Foi isso que foi importante, essa atenção e todo esse jeito que ele teve pra lidar com as minhas dificuldades que mudou completamente a minha relação com a matemática”.*

## **A influência na escolha profissional**

É possível perceber, nos relatos, que o sujeito valoriza muito a importância que esse professor teve nessa mudança que aconteceu na sua relação com a Matemática e que, assim, acabou influenciando na escolha da sua faculdade.

O sujeito relata que não só começou a entender e gostar de Matemática, como, também, foi fundamental para que ele entendesse Física: *“Se eu não soubesse matemática também não iria entender física. Não iria entender a parte de elétrica que eu gostei tanto e que fui, assim, decidindo o que eu queria fazer”*.

Hoje, o sujeito faz Engenharia Elétrica. Ele conta que não é exatamente o que o seu pai queria, mas, o professor também foi fundamental nessa escolha, pois, pediu para conversar com seu pai algumas vezes e explicar o que estava acontecendo. Com essas conversas, o sujeito fala que seu pai passou a entendê-lo melhor e parou de tentar projetar no filho o que ele queria ter sido e não conseguiu. A respeito do pai, o sujeito fala: *“Ele viu toda a minha mudança, gostou muito quando eu comecei a entender matemática”*.

### **4.2.3. SUJEITO C: “HISTÓRIA: DE UMA RELAÇÃO AVERSIVA À FORMAÇÃO DE UM CIDADÃO CRÍTICO”**

#### **A História apresentada como uma disciplina decorativa**

O sujeito, logo no começo de sua narrativa, relata que a História foi lhe apresentada como uma disciplina decorativa: “(...) *tinha que decorar, era a única saída para ir bem na prova*”.<sup>4</sup>

Ele conta que sempre teve dificuldades para decorar, qualquer coisa que fosse. Por isso, sofreu tanto e teve tantos problemas, pois, além de a professora só privilegiar essa forma decorativa de aprender História, foi essa mesma professora de História durante os quatro anos.

#### **A mediação aversiva**

O sujeito relata que a professora tinha um relacionamento muito difícil com os alunos. Ele fala que ela não sabia se relacionar, ser simpática e ficar amiga dos alunos. A descrição que faz dela evidencia o caráter autoritário que apresentava em sala de aula: “*Ela tinha um jeito autoritário, era brava, exigente, gritava bastante, chegava até a ser grossa muitas vezes. Não gostava que ficassem fazendo perguntas, não admitia que ninguém tivesse dúvidas*”.

Além desse estilo autoritário da professora, que já criava um clima de distanciamento entre ela e os alunos, o sujeito relata como ela desenvolvia as suas aulas: “*As aulas dela eram as mais desmotivadoras possíveis. Quando tinha aula dela, podia preparar a mão e a caneta, era copiar da lousa sem parar. Ela não gostava de usar livros. Dizia que a cópia ajudava a ir decorando e fazia com que a classe ficasse em silêncio copiando. E no final da aula, tinha que levar o caderno pra ela dar visto. Se alguém não tivesse copiado ou estivesse faltando parte, ela fazia escrever o texto três vezes de novo*”.

---

<sup>4</sup> Todas as citações estão descritas no Anexo 3

Ele ainda conta que, depois dessa cópia do texto da lousa, praticamente, faziam uma outra cópia, pois a professora dava diversas questões, todas sequenciais sobre o texto. Então, o sujeito destaca que o objetivo das questões era decorar o texto, não exigindo reflexão alguma: *“Era pegar o começo do texto, ali tava a primeira pergunta e assim ia seguindo.”*

Segundo o sujeito, eram raras as vezes em que a professora fazia explicações; ela passava o texto na lousa e sentava-se à mesa: *“(...) ficava lá, sentada, olhando pra gente copiar, as vezes ate lixava a unha. Parecia que ela tava pensando, “o que que eu estou fazendo aqui perdendo meu tempo?”* É possível perceber, no relato, que o sujeito identifica tais atitudes da professora como um descompromisso com a profissão, de alguém frustrado e que não gosta do que faz.

### **A aversão que a avaliação provocava**

É bastante claro, na entrevista, o quanto as avaliações foram traumatizantes para o sujeito. Ao ser interrogado sobre a forma de avaliação dessa professora, ele fala: *“Sabe que me dá até arrepios lembrar das avaliações... Eu ia mal sempre”*.

Ele conta que ela utilizava as mesmas perguntas do caderno e era preciso decorar as respostas, pois, ela só dava um ponto inteiro na questão se a resposta estivesse exatamente igual à que estava no texto: *“Ela não gostava que mudasse as palavras”*.

Essa forma de avaliar, que valorizava somente respostas decorativas, deixou muitas marcas afetivas negativas no sujeito, pois, ele não conseguia ir bem porque tinha dificuldades para decorar.

Ele fala que, inicialmente, ainda tentava estudar; lia bastante e depois pedia para a mãe ir tomando as perguntas para ver se decorava. Mas, conta que, na hora da prova, dava um branco, ele não conseguia responder e misturava tudo.

## **Os comentários depreciativos que a professora fazia na hora de entregar as avaliações corrigidas**

Outra atitude da professora que, segundo o sujeito, marcou aversivamente a sua relação com a disciplina História, foram os comentários que ela fazia na hora de entregar as avaliações corrigidas.

Ele conta que, para os alunos que tinham mais facilidade para decorar e, assim, conseguiam um melhor desempenho nas avaliações, eram só elogios. Quando era a vez de alunos como ele, que tinham dificuldades, eram só comentários desaprovadores e desmotivadores. O sujeito relembra, na entrevista, algumas falas da professora dirigidas a ele que lhe ficaram extremamente vivas na memória: *“Eu não sei porque esses alunos ainda perdem tempo vindo à escola, não sabem nada, não estudam, só me fazem ficar perdendo tempo e tinta de caneta vermelha para corrigir o monte de bobagens que escrevem; é “E” com certeza”*.

Segundo o sujeito, o que o fazia se sentir ainda pior, era que esses comentários e essas comparações eram feitas no meio da sala, para a classe toda ouvir: *“Eu morria de vergonha todo mundo ficava sabendo das minhas dificuldades”*, relata o sujeito.

## **Os sentimentos gerados no aluno**

Algo que fica muito claro, ao analisar os relatos, é o medo que o sujeito tinha de conversar com a professora, de tentar lhe explicar o que estava acontecendo e as suas dificuldades.

Ele fala que ela mantinha um relacionamento tão distante com os alunos, que os deixava intimidados, fazendo com que ficassem sem coragem para qualquer conversa. Como relata o sujeito: *“Eu queria falar pra ela que não era isso. Que eu estudava sim, eu tentava, mas, eu tinha dificuldades, eu não conseguia ficar decorando. Mas como eu ia falar isso pra ela. Era fazer críticas às aulas dela, ela não ia aceitar, era capaz até de as coisas ficarem piores do que já estavam”*.

Também, através dos relatos, é possível perceber o quanto a qualidade da mediação (condições de ensino) influenciam a relação sujeito (aluno) e objeto (disciplina História, no caso), pois ele conta que foi desanimando, chegando a nem estudar mais para as provas de História. Aos poucos, esse desânimo e essa relação aversiva com História foram se generalizando para as outras disciplinas, prejudicando-o e fazendo com que não tivesse mais vontade de ir à escola, perdendo completamente o interesse: *“Para as provas de História eu já não estudava mais. Com Geografia, Português, que são essas matérias que precisa ler, parecia que eu tava criando um bloqueio, eu não conseguia mais estudar, eu não tinha vontade, do mesmo jeito que tava acontecendo com História por causa daquela professora. Mesmo com matemática que foi uma matéria que eu ia bem, meu pai é professor de matemática então ele sempre me ajudava, minhas notas caíram”*.

Na entrevista, é possível observar o quanto a forma de ensinar e as atitudes dessa professora atuaram negativamente na constituição da auto-estima do sujeito, pois ele repetiu a 7ª série. Ele afirma, claramente: *“(...) aquela professora foi criando na minha cabeça uma imagem sobre mim: que eu não tinha vontade, que eu não estudava, que eu só escrevia bobagens. Então, eu não tinha vontade porque achava que todo mundo também ia pensar desse jeito”*.

### **O novo professor do primeiro colegial: relação inalterada**

O sujeito relata que chegou ao primeiro colegial bastante desmotivado: *“A minha relação com História era a pior possível, eu não sabia nada”*.

Nesse ano, ele conheceu um novo professor de História. Mas, segundo ele, ao invés de as coisas melhorarem, elas pioraram: o novo professor de História se importava ainda menos com os alunos, não demonstrando que gostava do que fazia.

O sujeito conta que ele mais faltava do que ia dar aula. Quando ia, quase todas as vezes chegava atrasado e, para não ter que dar aula, passava um filme qualquer, que não tinha nada a ver com a matéria. De vez em quando, ele resolvia dar aula e o sujeito descreve: *“Quando resolvia dar aula era um desastre. Escrevia algumas frases na lousa, falava meia dúzia de palavras e enchia a gente de folhinhas de exercícios; pedia pra entregar, mas, acho que ele nunca chegou a corrigir”*.

Então, foi mais um ano perdido para o sujeito, em que ele não aprendeu nada. Na entrevista, reflete: *“Sinceramente não sei o que foi pior. Esse professor não tava nem aí, nem avaliação ele fazia”*.

Assim, ele fala que quem já sabia História e tinha mais facilidade, ia estudando sozinho. Ele, não conseguia: *“(...)eu tinha um trauma tão grande que eu não conseguia pegar o livro pra ler. Então, ia ficando cada vez mais atrasado, mais desmotivado”*. Esta fala sugere a dimensão dos efeitos dessa mediação aversiva na auto-estima do aluno.

A respeito desse professor, o sujeito reflete: *“Eu acho que esse professor foi mais ou menos aquele tipo de pessoa assim...como vou dizer...aquelas pessoas que passam pela sua vida, não levam nada e também não deixam nada, elas simplesmente passam. Com ele foi mais ou menos isso que aconteceu. Ele não deixou nenhuma marca em mim, nem boa e nem ruim”*. Mas, logo em seguida, faz uma pausa no relato, repensa e diz: *“Quer dizer... ruim acho até que ele deixou sim. Eu continuei com todos os meu problemas, com todas as minhas dificuldades com História, ele nunca percebeu minhas dificuldades, também, nem avaliação ele fez direito”*.

Na entrevista, o sujeito repete diversas vezes a fala *“não sei o que foi pior”*; como ele relata, esse professor nunca lhe falou uma palavra a seu respeito e não ficava expondo-o para a classe. Por outro lado, também, não lhe ajudou em nada, simplesmente deixou as coisas como estavam. O sujeito fala tristemente: *“Eu continuei com o sentimento de que eu era incapaz de gostar, de aprender História”*.

### **A mudança ocorrida no segundo colegial**

O sujeito disse nem saber a razão, mas agradeceu a Deus por esse professor ter saído da escola. No segundo colegial, então, veio um novo professor de História que, através de uma mediação positiva, mudou completamente sua relação com essa disciplina. Segundo o sujeito: *“O professor Antônio era “o professor” de História”*.

## A mediação positiva do professor Antônio

Como disse o sujeito: *“É claro que no começo eu fiquei meio com um pé atrás; mas, como ele relata, logo no primeiro dia deu para perceber a diferença: “Ele logo mostrou muita vontade de ensinar, se mostrou preocupado. Começou a perguntar o que a gente já tinha visto, se a gente tinha entendido, como estava, se a gente achava legal ele voltar um pouco...”*.

Então, ele conta que a própria classe explicou toda a situação para ele, de como havia sido o primeiro colegial, as poucas aulas que tiveram, o descompromisso do professor com a profissão e com os alunos, enfim, que tinham aprendido muito pouco ou quase nada. O sujeito fala, muito enfaticamente, que o professor não desanimou; o otimismo e a confiança que demonstrou o “tocaram” e o marcaram, assim como toda a classe. Ele reproduz, na entrevista, as palavras do professor: *“Disse, muito confiante que a gente não podia desanimar, que a gente não podia chorar pelo leite derramado. Que ele sentia muito pelo que tinha acontecido, mas que a gente podia recuperar o tempo perdido, era só ter vontade”*.

Em seguida, o sujeito relata como o professor trabalhava, descrevendo as suas aulas: *“As aulas dele eram muito jóias. Ele conseguia prender nossa atenção. Ele explicava muito bem, falava em voz alta, mas, não de um jeito autoritário, de um jeito, vamos dizer..., firme que mostrava saber muito do que estava falando”*. O sujeito ainda comenta que, às vezes, ele brincava, fazia algum comentário durante a explicação, o que ajudava a descontrair, não permitindo que as aulas ficassem cansativas.

Também fala do caráter crítico que o professor tentava implantar em sala de aula; relata que, na escola, ele era o único que tomava iniciativas referentes a debates, filmes de conteúdo crítico e, quando havia apresentações de trabalhos abertas ao público, a sala que ele era responsável tinha sempre um destaque maior. Demonstrando um conhecimento crítico, o sujeito, na entrevista, analisa: *“Claro que esta é uma tarefa árdua - conscientizar os alunos -, pois não é da noite para o dia que se derruba todo este estado de coisas e sua máquina propagandística. Mas ele bem que tentava...”*

## O professor percebeu as dificuldades do aluno

O sujeito relata que as aulas desse professor eram bastante participativas: abria espaço para perguntas e gostava que os alunos perguntassem. Ele conta que, inicialmente, sentia-se muito frustrado, pois tinha muita insegurança para perguntar e tinha medo de falar bobagem: certamente, reflexo da história de mediação aversiva a que ele havia sido submetido anteriormente. Então, nunca perguntava nada, apesar de estar sempre atento às ótimas explicações do professor.

Com este comportamento, que nunca perguntava nada, o sujeito fala que começou a se diferenciar muito da turma, pois o jeito como o professor dava as aulas estimulava as perguntas e a grande maioria da classe perguntava. Assim, o sujeito sentiu que o professor começou a reparar nele: *“Várias vezes ele olhava pra mim, parecia que tava perguntando: “e você não vai perguntar nada?”*”.

O sujeito relembra, no relato, que, com medo que o professor perguntasse mesmo e ele se atrapalhasse todo e não conseguisse falar nada, desviava o olhar, olhava para o outro lado, tão grande era a sua insegurança.

Até que, um dia, na hora da saída, o professor o chamou e quis saber porque que ele não participava, nunca perguntava nada; queria saber se não estava entendendo, se tinha alguma dificuldade, se ele não estava sendo claro nas explicações ou se ele era muito tímido e não gostava de ficar fazendo perguntas.

O sujeito relata que, demonstrando toda a confiança que já sentia naquele professor, contou-lhe da insegurança que tinha, que sempre havia ido mal em História e que tinha dificuldades para decorar. Ele fala que o professor ficou muito impressionado quando disse “dificuldades para decorar”; respondeu-lhe que isso era um absurdo. Relembrando as falas do professor, o sujeito reproduz, na entrevista, o que ele falou: *“(...) História não é pra decorar, é uma matéria muito legal, que eu só precisava entender, que uma coisa vai puxando a outra, que tem uma seqüência, um acontecimento é sempre consequência de alguma coisa. Ele falou que eu precisava aprender a estudar, eu precisava aprender a ler um texto e não querer decorar tudo, eu precisava tirar os pontos principais e entender, não decorar”*.

O sujeito conta que se lembra exatamente desse dia, pois foi um momento muito importante para ele, que o marcou muito e foi o início de toda a mudança na sua relação com História. Na entrevista, descreve a importância dessa atenção do professor dedicada a ele: *“Eu me senti tão feliz com aquela preocupação dele, o fato de ele achar que o problema era na explicação dele e não só comigo. Sabe uma sensação de que ele queria dividir o problema comigo?”*

### **A ajuda do professor**

A partir dessa conversa, em que o professor ficou sabendo das dificuldades do sujeito, ele começou, além de ajudar a classe (porque ele começou a pedir trabalhos em grupo e apresentações, para voltar um pouco e recuperar a matéria do primeiro colegial que não havia sido dada), dedicar-lhe uma atenção especial.

Ele relata que o professor mostrou-se muito disposto a ajudá-lo. Lembra, na entrevista, que o professor disse que ele teria que se esforçar, teria que fazer algumas atividades extras, fora das aulas, mas que, se tivesse empenho, passaria, pelo menos, a gostar de ler. O sujeito conta: *“É engraçado, mas, eu lembro dele me perguntando, como se fosse hoje: “E aí, aceita o desafio”?”*

Ele fala que aceitou na hora, pois relata que tinham tido, mais ou menos, um mês de aula, mas, já gostava do professor, do jeito dele e confiava nele.

Então, para ajudar o sujeito, o professor começou a levar-lhe reportagens de jornais e revistas para incentivar a leitura. Como relata, as reportagens não eram exatamente da matéria; quase sempre, eram reportagens que falavam de questões sociais: pobreza, analfabetismo e da situação econômica do país. O sujeito conta que levava para a casa essas reportagens e o professor pedia que as lesse e escrevesse, mesmo que fosse em tópicos, o que houvesse entendido.

Inicialmente, ele fala que teve um pouco de dificuldades; lia e não conseguia reelaborar o texto com suas próprias palavras, apenas copiava algumas frases e entregava para o professor. Mas, a atitude que o professor teve perante esta situação foi de fundamental importância para o sujeito: *“Ele lia e sempre me incentivava: “estou gostando de ver, está indo muito bem, continua assim, tá jóia, tem exatamente os pontos mais*

*importantes*". Então, o fato de o professor não menosprezar o esforço que o sujeito havia feito, ainda que ele não tivesse atingido o desejável, reconheceu e valorizou o seu trabalho.

Observa-se que, na interpretação do sujeito, esta atitude teve um grande valor, melhorando sua auto-estima e contribuindo para que houvesse uma mudança afetiva na relação com História: *"Nem sei se estava tão bom assim mesmo, mas, o mais importante foi que ele não me deixou desanimar, ele me encorajava e eu fui acreditando"*.

### **Os sentimentos provocados pela mediação positiva**

O sujeito fala que todas as atitudes positivas do professor – a atenção, o apoio, o incentivo – foram muito importantes para ele. Além disso, demonstrava em sala de aula, uma grande preocupação com os problemas sociais e com o desenvolvimento da cidadania. Assim, o sujeito relata: *"Por isso eu acho que esse meu professor foi fundamental na minha vida, ele conseguiu aumentar minha auto-estima, mostrou que eu podia aprender, entender História e, mais ainda, ele me influenciou a ser um cidadão crítico, preocupado com os problemas sociais"*.

Ele conta que o professor sempre se empenhou em fazer um trabalho de conscientização e de formação crítica e todo esse trabalho foi atingindo cada aluno de uma maneira. O sujeito fala, entusiasmado, o que, para ele, havia representado toda essa fase de mudança, toda essa preocupação do professor, que lhe mostrou que podia aprender e entender História, contribuindo, ainda, para a sua formação pessoal. Nas palavras do sujeito: *"Não só uma preocupação ali, com a matéria História, mas toda uma preocupação com a sociedade em geral. Essa foi a grande influência dele. Foi um grande professor. Filosofando um pouco, acho que o mundo precisava de mais pessoas como ele"*.

### **A nova relação com História e a formação de um cidadão crítico**

Segundo o sujeito, nas aulas desse professor, além de ele trabalhar com os conteúdos obrigatórios de História, gostava de levar, sempre, questões atuais, de preocupação social, para que fossem discutidas em sala. Gostava muito de promover

debates em sala de aula, incentivando as discussões, a formação de uma opinião e de uma postura crítica.

Então, o sujeito fala que, ele buscou passar a formação de um cidadão crítico, “ligado nos problemas sociais” para todos os alunos. Ele destaca que o professor teve que fazer um trabalho a mais com ele, por causa das dificuldades que tinha para entender um texto. Afirma, na entrevista, que funcionou: “(...) *eu fui me interessando cada vez mais por essas leituras que falam de sociedade, de política, enfim, e olha que muitas vezes elas não são fáceis de entender não...*”

Assim, o sujeito conta que esse clima de debate que o professor propiciava nas aulas, o fato de, durante as explicações, pedir que a classe participasse, ouvindo opiniões de um e de outro, foram fundamentais para ele. Ele nunca havia percebido a riqueza de acontecimentos que a História traz, pois, suas aulas sempre se resumiram a cópias de textos da lousa. A cada aula, na troca constante de conhecimentos entre o professor e os alunos, ele foi se interessando, participando mais, tornando-se mais crítico.

Ele relata que, no final do terceiro colegial, praticamente, sentia-se um outro aluno. Fala que teve uma grande evolução e que seu progresso foi visível. Exemplifica dizendo: “*É uma pena eu não ter os papéis que eu escrevi a primeira e a última reportagem pra eu te mostrar. As primeiras eram em tópicos, com frases copiadas da reportagem, já as últimas, eu reescrevia as frases, sempre colocava o meu posicionamento no final*”. Então, ele conta que esses seus textos dessas reportagens que o professor lhe entregava, se transformaram, praticamente, em resenhas críticas: colocava os pontos principais e no final, foi aprendendo a dar a sua opinião, fazer críticas, enfim, mostrar o seu modo de pensar. Ele analisa que essa atenção do professor, incentivando-o a ler essas reportagens, foi desenvolvendo seu interesse pela leitura; muitas vezes com temas bastante polêmicos, que instigavam a reflexão. Assim, ele relata: “*Por isso que eu já disse muitas vezes que esse professor foi meio que uma influência ideológica na minha vida, na escolha da minha faculdade. Ele demonstrava claramente suas preocupações sociais, nas aulas dele sempre tinha um pouco de discussão política. E tudo isso sempre foi me interessando, com as reportagens que ele me dava, sempre puxando pra esse lado, eu também fui ficando bastante crítico e cada vez mais interessado em ler*”.

O sujeito ainda fala que chegou a ler Marx (Manifesto Comunista) no terceiro colegial e o professor, vendo o seu interesse, foi lhe indicando outros autores como: Frei Beto, Leonardo Boff, entre outros.

Segundo o sujeito, seu interesse por História, principalmente por questões que abordam política e sociedade, foram crescendo cada vez mais. Ele afirma, claramente, na entrevista, que o grande responsável por essa mudança, foi esse seu professor: pela sua postura em sala de aula, pelo grande conhecimento que tinha e pela demonstração de que gostava muito do que fazia. Como ele próprio relata: *“Quando o conheci, confesso que fiquei impressionado com tanta História. E, na situação em que eu me encontrava, ele foi fundamental, ele soube como me ajudar e acabou me influenciando com as suas idéias de militante político que ele é”*.

Conta, no relato, que sua mudança em sala de aula foi nítida. A postura retraída, deu lugar a um aluno que participava, fazia críticas e que, nos trabalhos em grupo, todos queriam fazer com ele. Através da grande quantidade de leituras que passou a fazer, inicialmente, as reportagens que o professor lhe trazia, depois os livros, sempre com autores preocupados com o social, ele foi ganhando confiança e: *“foi ficando cada vez mais claro que eu queria fazer Ciências Sociais”*.

#### **4.2.4. SUJEITO D: “UMA HISTÓRIA DE MEDIAÇÃO POSITIVA MUDOU A RELAÇÃO COM BIOLOGIA E INFLUENCIOU NA ESCOLHA PROFISSIONAL”**

##### **A vida escolar até a 5ª série**

O sujeito, logo no começo de sua narrativa, relata que se considerava uma boa aluna; diz que, pelo menos, era o que achava até começar a sexta série. *“Assim... eu não era a melhor aluna da classe, eu tinha um pouco de dificuldades, às vezes acho que era um pouco tímida demais, mas eu ia me virando, sempre tirava uma nota razoável”*.<sup>5</sup>

Fala que, quando chegou na 5ª série, inicialmente, estava um pouco assustado, por causa das mudanças que ocorreram: não era mais um professor só, era um professor para cada matéria. Mas, conta que se adaptou bem, os professores colaboraram e, logo, entrou no ritmo. Ele relata: *“Até a 5ª série nunca tinha tido nenhum problema com nenhum professor, tava indo tudo bem”*.

##### **A professora de Ciências que teve a partir da 6ª série**

Quando chegou na 6ª série, foram trocados alguns professores e, segundo o sujeito, a professora de Ciências foi uma delas: *“Foi aí que tudo começou!”*, relata ela.

Relata que foi a pior professora que já conheceu na vida: ela era grossa, não sabia dar aula e, o que era pior, implicava com os alunos: *“Eu não sei porque, mas ela pegou uma implicância tão grande comigo, ela tinha umas atitudes que me prejudicaram muito, eu passei a não suportar Ciências que era a matéria que ela dava”*. O sujeito sentia que a professora não gostava do que fazia e que, por isso, descontava nos alunos, implicando com qualquer coisa em sala de aula e não se empenhando para que os alunos aprendessem.

---

<sup>5</sup> Todas as citações estão descritas no Anexo 4

## **A mediação aversiva**

Em seguida, o sujeito relata como a professora trabalhava, descrevendo as suas aulas: *“Ela gostava que a gente ficasse copiando textos da lousa. De vez em quando ela resolvia explicar. Mas eram explicações muito ruins, ela se perdia no que tava falando. Começava falar uma coisa, não terminava, começava outra. Fazer perguntas, tirar dúvidas nem pensar, ela nunca deixava espaço para perguntar. Pra falar de verdade, as aulas dela eram um tédio. Era sempre a mesma coisa, ela não fazia nada de diferente na aula”*. Ilustrando isso, o sujeito conta que, se olhasse para a classe enquanto ela estava explicando, não achava um que estivesse prestando atenção, pois, ela não conseguia envolver os alunos.

O sujeito enfatiza, diversas vezes na entrevista, que a professora não fazia questão e nem se empenhava para que eles aprendessem, pois, ela os tratava como se estivessem na 1ª série, não dando nenhum exercício mais elaborado, que provocasse alguma dúvida; eram só exercícios de pintar, de completar.

Além disso, destaca o jeito autoritário que a professora se apresentava em sala de aula, não permitindo e nem favorecendo que uma boa relação fosse construída com os alunos. Segundo o sujeito, ela já chegou impondo diversas regras, logo no primeiro dia, como ele próprio reproduz na entrevista: *“Não pode andar pela classe”*; *“Não pode fazer perguntas durante as explicações”*; *“Não pode fazer duplas pra resolver exercícios”*, enfim, era um monte de *“não pode” pra tudo*”.

Nos relatos, é possível perceber que o sujeito interpreta tais atitudes da professora como um descompromisso com a profissão e com os alunos: *“Ela só queria ir lá, queria que os alunos ficassem sentados, olhando pra frente...se estavam aprendendo ou não...não importava...ela achava que estava fazendo a parte dela”*.

## **A hora da avaliação**

A mediação aversiva dessa professora, praticada durante as aulas, só piorava, segundo o sujeito, na hora das avaliações.

Nas aulas, ela relata que a professora exigia muito pouco, propunha o mínimo de exercícios (que nunca eram corrigidos) e quase não dava explicações; quando fazia, eram

muito ruins. Mas, nas avaliações, gostava de complicar: *“Colocava uns exercícios totalmente diferentes do que ela tinha dado, aí todo mundo ficava perdido”*. Ainda destaca que, não só ela ia mal, mas grande parte da classe também ficava de recuperação em Ciências.

Na entrevista, o sujeito relata que a professora parecia sentir prazer em ver os alunos irem mal; ela descreve como eram as avaliações: *“Ela dava uma prova enorme, com vários exercícios, que mesmo que a gente soubesse, não daria tempo para resolver. E ela colocava os exercícios mais difíceis e exigia respostas elaboradas pra ganhar um ponto inteiro. Se explicasse só mais ou menos era meio ponto. Isso quando ela não colocava coisa que ela nem tinha dado ainda. E aí de quem você reclamar... ia ouvir com certeza”*.

Todas essas práticas da professora, principalmente, com relação à avaliação, foram desestimulando o sujeito; ela passou a perder a vontade de estudar: *“Você estuda, chega lá tem uma prova absurda dessa. Aí é nota baixa em cima de nota baixa. Isso vai acabando com você, vai te desanimando totalmente”*.

### **Atitudes da professora que marcaram aversivamente o sujeito**

O sujeito relembra, na entrevista, de episódios que o marcaram de uma forma extremamente negativa e que foram propiciados por essa professora.

Relata um fato que evidencia, muito bem, a que ponto chegava a implicância dela com os alunos. Conta que tinha um cabelo comprido e, às vezes, ia com ele solto; logo na primeira semana de aula, a professora fez um verdadeiro escândalo por causa do cabelo. O sujeito reproduz, na entrevista, os gritos da professora dirigidos a ele: *“o que que é isso, que juba é essa, assim você não consegue estudar...”* E conta que ela pegou um elástico de dinheiro e prendeu o cabelo. Relata que, agora, é até engraçado lembrar disso, mas, na hora, ficou completamente arrasada, sentiu um misto de raiva e vergonha: a classe inteira ficou olhando para ela.

Na entrevista, o sujeito diz que nunca entendeu muito bem essas atitudes da professora. Buscando construir uma explicação, analisa que, certamente, a professora, sempre que ficava nervosa com alguma outra coisa, descontava nela, não parando para

refletir o quanto esta atitude poderia afetá-la. O trauma foi tão grande que, segundo o sujeito, a partir deste dia, nunca mais foi de cabelo solto.

Outra situação relatada na entrevista, e que marcou muito o sujeito, foram as chamadas orais que a professora fazia em sala de aula. Segundo ela, a professora não chamava na mesa dela para fazer as perguntas, gostava de fazer na frente da classe, para todo mundo ouvir. Ela relembra, no relato, o nervoso e as sensações que tinha: *“Era terrível, eu realmente chegava a passar mal no dia que ela resolvia fazer essas chamadas orais, me dava ânsia de vômito”*. O sujeito ainda relata, o que a professora fazia quando alguém demorava para responder, reproduzindo as falas dela na entrevista: *“Ela ficava pressionando: “vamos, responde, tá todo mundo esperando, será possível que você não sabe?”*”.

Muitas vezes, quando a chamada oral não era surpresa, o sujeito inventava qualquer coisa para não ter que ir à escola: *“(…) eu não queria passar vergonha na frente dos meus colegas”*.

Também relata um outro fato, que lhe foi muito marcante, principalmente, no que se refere ao seu sentimento de capacidade e de confiança em si mesmo. Conta que ia haver, na escola, uma feira de Ciências e a professora pediu para que eles fizessem uma maquete sobre os tipos de terreno: planalto, planície, vale, ilha, para que fossem apresentadas na feira. Recorda-se que se dedicou bastante para fazer essa maquete; fez muito bem feita, simples, mas muito bem explicada. *“Eu estava empolgada, orgulhosa, porque meu pai tinha me dado algumas idéias, mas eu é que tinha feito sozinha”*.

Mas, na hora de entregar, teve uma grande decepção com a atitude da professora: *“Ela mal olhou pra minha maquete, não fez nenhum elogio. O que fez foi, na hora que ela tava arrumando as maquetes na sala, ela colocou a minha no chão. A minha e mais umas quatro”*. O sujeito se recorda da tristeza que sentiu neste momento, ficava tentando encontrar uma explicação para esses atos; na entrevista, relata inconformado: *“As nossas não estavam erradas! Tudo bem, tinha algumas maquetes maiores, que chamavam mais atenção, mas, acho que ela não podia ter feito isso, a gente tinha se esforçado, cada um tinha feito o melhor que pode, ela não precisava ter feito isso”*. Relembra que um dos meninos, cuja maquete também havia sido colocada no chão, foi tentar reclamar com a

professora; a resposta que ela deu: *“ela falou que a gente não tinha vontade, que a gente era preguiçoso, que aquele era o castigo pra ver se a gente aprendia a caprichar mais”*.

O sujeito descreve essas situações com bastante detalhes, demonstrando que ainda estão bem presentes em sua memória. Foram experiências que contribuíram para que ela ficasse com uma imagem negativa de si mesmo, gerando um sentimento de incapacidade. Suas falas, principalmente, nesse caso da maquete, em que a professora não reconheceu o seu trabalho e menosprezou o seu esforço, exemplificam bem isto: *“Eu tinha me esforçado, eu tinha feito o melhor que eu podia. Imagina como eu me senti com isso que ela fez. Sabe... eram essas coisas que iam me desestimulando, eu ficava faltando nas aulas dela, pra me livrar dela”*.

### **Os sentimentos gerados no aluno**

O sujeito conta que, com todas essas situações, suas dificuldades só foram aumentando: passou a ter verdadeiro pânico de estudar Ciências, pois, relata que ficava se lembrando das aulas e de como a professora a tratava.

Descreve, também, o que esta relação aversiva com Ciências foi ocasionando nas outras disciplinas: *“E eu fui ficando tão apavorada que eu comecei a ir mal nas outras matérias também. Eu comecei a faltar muito nas aulas, eu não tinha vontade nenhuma de ir pra escola”*.

Relata que foi agüentando esta situação até a 8ª série, mas que mudou muito em relação ao que era na 5ª série. Ela fala que nunca havia sido a melhor aluna da sala, mas, sempre havia sido atenciosa e nunca faltava. A partir da 6ª série, com toda essa situação que a professora de Ciências ocasionou, conta que foi desanimando, ficando “relaxada” e passou a faltar demais.

Novamente, remetendo-se à história do cabelo, do dia em que a professora o prendeu com elástico de dinheiro, relata que foi um choque para ela, que não esperava essa atitude dela: *“O jeito que ela falou comigo, a forma como me tratou me deixou muito chocada mesmo”*. Relata que os professores sempre a trataram super bem, tinha um bom relacionamento com eles: *“(.) eu era daquelas alunas que nunca levava bronca sabe, nunca nenhum professor tinha me chamado atenção”*. Então, por ter um jeito tímido e

comportado, essa professora a assustou, gritando com ela, expondo-a e humilhando-a perante a sala.

Algo que fica muito claro, ao analisar os relatos, é o medo que o sujeito tinha da professora. Segundo ela, já havia visto o jeito que a professora havia tratado alguns alunos que se levantavam e iam perguntar-lhe alguma coisa: *“Ela fazia voltar pro lugar imediatamente, aos berros, falava que aquela hora não era hora de perguntar”*. Por isso, conta que nunca lhe perguntava nada, tinha medo da reação que ela poderia ter.

Os relatos evidenciam o quanto as condições de ensino e a qualidade da mediação influenciam a relação do aluno com o objeto – Ciências, no caso –, pois, como destaca: *“(...) como que eu podia, aprender, gostar de Ciências com essa mulher, se nem tirar dúvidas ela deixava”*.

### **A ajuda dos professores das outras disciplinas**

Segundo o sujeito, ela só não repetiu nenhum ano, porque os professores das outras disciplinas perceberam as suas dificuldades, que as suas notas estavam caindo e a ajudaram: pediam trabalhos extras, valendo pontos para melhorar a nota.

Relata, também, que esse outros professores até tentaram ir conversar com essa professora, pedir se ela não poderia fazer nada, ajudar de alguma forma. O sujeito conta, que a professora respondeu para eles que era o jeito dela, que ela tratava todos os alunos igualmente e que, se tinha algum problema, era com a aluna, não com ela. Na entrevista, analisa: *“Acho que foi até pior fazer isso, acho que ela ficou com mais implicância ainda comigo”*.

### **A solução com a mudança para um colégio particular**

Quando terminou a 8ª série, o sujeito foi fazer o Ensino Médio em uma escola particular. Diz que a iniciativa foi de seu pai, para tentar ajudá-la.

Relata que estava tão desanimada que sua primeira reação foi não querer ir. Mas, com o apoio e incentivo de seus pais, acabou concordando: *“Foi a melhor coisa que eu fiz”*.

### **O primeiro contato com a professora de Biologia**

Segundo o sujeito, a primeira impressão que teve da professora de Biologia, não a agradou muito. Na entrevista, ele a descreve: *“Ela era um pouco estranha, tinha um jeito meio maluco, com uma tatuagem no dedo. Achei que ia ser pior do que com a outra”*. Mas, ele conta que se enganou completamente; relata que esta foi a melhor professora que já teve e foi quem a ajudou e a incentivou, através de uma mediação positiva, possibilitando a mudança da sua relação com a Biologia.

Relata que, no primeiro dia de aula, a professora se apresentou, pois, ela também era nova na escola e, pediu que cada aluno se apresentasse e contasse se era aluno novo, de que escola tinha vindo, se tinha vindo de escola pública, enfim, quis conhecer um pouco mais de cada aluno. O sujeito relata que, na sua vez, contou que havia concluído a 8ª série em escola pública. No início, diz que ficou bastante envergonhada, pois, era o único aluno novo na classe, mas, logo se acalmou. Diz que a professora se mostrou muito simpática, a acolheu muito bem e falou que ela não precisava se preocupar, pois logo entraria no ritmo, sem maiores problemas.

Portanto, o sujeito lembra que a primeira má impressão que havia tido da professora se desfez logo no primeiro dia, pela sua simpatia, preocupação e atenção demonstrada com os alunos.

### **A mediação positiva**

Com o decorrer das aulas, o sujeito começou a ter certeza que com aquela professora ia ser diferente, iria conseguir reverter a situação aversiva que tinha com Biologia: *“Ela era diferente... Apesar de todo aquele jeito meio maluquinho que ela tinha,*

*que parecia meio desligada, ela sabia muito, era muito inteligente, e o mais importante, ela sabia ensinar”.*

Em seguida, o sujeito relata como a professora trabalhava, descrevendo as suas aulas: *“Ela se esforçava o máximo para que todo mundo aprendesse. E lia texto, explicava, entregava folhas com esqueminhas para ficar mais fácil de a gente entender, desenhava na lousa. Ela explicava, perguntava se todo mundo tinha entendido, se alguém não entendia ela explicava de novo, até que todo mundo tivesse entendido e conseguisse resolver os exercícios”.* Além disso, relata que a professora deixava livre para quem quisesse resolver os exercícios em duplas, em grupos e ia andando pela sala, atendendo cada aluno que precisasse. Ainda diz, que ela fazia questão de corrigir os exercícios na lousa, quase que explicando a matéria novamente.

Outra parte importante, destacada pelo sujeito nos relatos, é a verdadeira paixão pelos animais, demonstrada pela professora em suas aulas. Ela lembra que a professora era bióloga formada e, no período da tarde, trabalhava em um mini-zoológico na cidade vizinha. Fala, na entrevista, que era muito bom ter uma professora assim, que tinha contato direto com os animais, pois: *“Várias vezes, quando tava explicando sobre moluscos, artrópodes, insetos, peixes, anfíbios, répteis, enfim, ela levava os bichinhos pra gente ver de perto, mostrava onde ficava cada coisa, era uma boa sensação. Todo mundo adorava, às vezes ela deixava pegar na mão; quando ela levou uma cobra na sala de aula todo mundo ficou agitado. A classe inteira adorava”.*

Segundo o sujeito, com todas essas práticas e atitudes que tinha em sala de aula, essa professora conquistou os alunos e tinha um ótimo relacionamento com eles. Ela demonstrava uma grande vontade de ensinar e, se empenhava ao máximo para que todos pudessem aprender. O sujeito ainda destaca o apoio dado pela professora no 3º colegial, aos alunos que iriam prestar vestibular: dava dicas de faculdades e sempre elaborava listas com exercícios de vestibulares.

## **A atenção da professora com o sujeito**

O sujeito conta que, mesmo tendo gostado da professora, por ela ter sido super atenciosa quando foi o único aluno novo da sala, foi difícil conseguir se recuperar tão rápido, certamente, como reflexo da história de mediação aversiva a que ela havia sido submetida anteriormente. Como ela próprio relata: *“Mesmo ela já me ajudando, me incentivando a estudar em grupos, eu fui mal na primeira prova”*.

Diz que a professora, vendo que ela não havia ido bem na prova, chamou-a para conversar. Nesse encontro, relatou que achava que tinha ido mal, porque era aluno novo e ainda não havia se adaptado. Então, ela conta, que era bem mais que isso; que tinha tido problemas com Ciências até a 8ª série, principalmente, por causa da relação com a professora, que não se empenhava para que os alunos aprendessem e tinha atitudes que só os prejudicavam.

Conta que a professora ouviu tudo, mostrou-se muito preocupada, e lhe perguntou com relação ao conteúdo, se ela estava com muitas dificuldades: *“Eu disse que tava bem devagar, eu tinha muito pouca base”*. Com isso, a professora disse que passaria a lhe dedicar uma atenção especial nas aulas. Além disso, o sujeito relata que a professora sugeriu que ela começasse a participar dos plantões de Biologia que a escola oferecia.

Na entrevista, destaca a importância dessa professora, pela ajuda que ela lhe deu para se enturmar com a classe, sempre pedindo trabalhos em grupos, permitindo, assim, uma maior aproximação com os outros alunos.

## **A importância dos plantões de Biologia**

A professora, percebendo as dificuldades do sujeito, sugeriu, então, que começasse a frequentar os plantões de Biologia pois, assim, teria mais oportunidade de ir tirando as suas dúvidas. Conta que se dispôs a explicar alguma matéria anterior que não houvesse sido entendida e iria resolvendo os exercícios junto com ela.

O sujeito começou, então, a frequentar os plantões toda semana. Segundo ela, o que ajudou-a ainda mais, foi que, raramente iam alunos ao plantão de Biologia, o qual era bem

pouco freqüentado. Então, praticamente, tinha uma aula particular, com atenção exclusiva para ela. Assim, foram nesses plantões que o sujeito foi mudando a sua relação afetiva com Biologia: *“E foi aí que eu fui descobrindo o meu interesse por Biologia, a gente fazia exercícios, conversava, ela me contava sobre a faculdade. Nossa, eu aproveitava pra caramba”*.

### **A proximidade da professora com o sujeito propiciada pelos plantões**

Além da atenção especial que a professora passou a lhe dedicar em sala de aula, sempre atenta e perguntando se ela estava com alguma dúvida, o sujeito destaca a importância desses plantões de Biologia para que estabelecesse um maior contato com a professora, fortalecendo a relação entre elas e contribuindo para que o sujeito passasse a se interessar, cada vez mais, por Biologia.

Ela relata que ficava encantado vendo-a explicar; diz que demonstrava um grande conhecimento sobre os assuntos e que era possível sentir o quanto a professora gostava do que fazia. Conta que aproveitava muito os plantões, tirava suas dúvidas e fazia muitos exercícios, sempre contando com a ajuda da professora naqueles em que, ainda, não conseguia resolver sozinho.

Destaca que os plantões foram muito importantes, pelas conversas que possibilitou: *“Ela ficava me contando do trabalho que ela faz no mini-zoológico, do contato com os animais, com a natureza, eu adorava ficar conversando com ela, ela mostrava ser tão legal. Ficava me contando da faculdade, das coisas que ela aprendeu”*. Além disso, relata que via na professora uma amiga, pois: *“Ela era muito nova, então eu conversava com ela sobre “baladas”, namorados...”*

## **Avaliações refletiam os conteúdos das aulas**

Segundo o sujeito, as avaliações dessa professora, também, eram bem diferentes das avaliações que tinha anteriormente, que só pioravam a relação aversiva que tinha com Biologia.

As provas dessa professora eram muito bem elaboradas, como ela relata: *“Ela exigia um pouco, mas nada diferente do que ela explicava em sala. Se prestasse atenção nas aulas, dava pra fazer a prova sossegada, não precisava nem estudar”*.

## **Os efeitos da mediação positiva e a influência na escolha profissional**

O sujeito conta que, no início do 3º colegial, já havia decidido que queria fazer Biologia. No final do ano, diz que prestou vestibular em vários lugares (USP, UNESP, UNICAMP) mas, infelizmente, não passou. Então, no ano seguinte, mudou-se para Campinas, fez um bom curso pré-vestibular e relata: *“hoje eu estou aqui na UNICAMP, fazendo Biologia. Estou adorando o curso. Em vários momentos me lembro da Lúcia, das conversas que a gente tinha, lembro de como ela foi importante pra mim”*.

Através das falas do sujeito, é notável como ela guarda as boas recordações dessa professora que, certamente, atuou de forma fundamental, na constituição da sua autoestima, incentivando-a e apoiando-a, como ela próprio descreve: *“Eu estava com uma autoestima muito baixa por causa de toda aquela situação com aquela professora. E ela, com o jeito dela, com as atitudes que ela teve comigo, me ajudaram muito”*.

É possível notar, nos relatos, a importância e a influência dessa professora, através de sua mediação positiva, na escolha profissional do sujeito: *“É muito engraçado eu estar fazendo Biologia hoje. Há alguns anos atrás eu nunca pensaria em fazer nada da área de Biológicas, eu faria qualquer outra coisa desde que não tivesse que saber Biologia”*.

O sujeito relembra que, quando decidiu que iria fazer Biologia, contou para a professora que ficou muito feliz: *“ela brincou que era muito nova pra ter uma discípula”*. Recordar-se da atitude da professora: *“Ela me deu um super incentivo, falou que se eu*

*gostasse realmente, ela dava o maior apoio, mas que pra eu ser feliz e ser uma boa profissional eu precisava gostar realmente”.*

O sujeito conta que disse à professora que era isso mesmo que queria e com a ajuda dela, começou a entender, gostar e se interessar por Biologia.

Relata que, quando passou no vestibular da Unicamp, fez questão de ligar para contar e agradecer à professora, por tudo o que havia feito por ela, por tudo o que havia lhe ensinado, pelas conversas e pelo incentivo. Conta que a professora ficou super feliz, deu-lhe os parabéns e disse-lhe que ela merecia muito. Lembra que, até hoje, quando tem alguma dúvida na faculdade, liga para perguntar à professora. *“E ela é sempre muito atenciosa, super disposta a ajudar, me empresta livros, me explica alguma coisa, ela sempre dá um jeito de me ajudar”.*

Ele conta que essa professora foi a escolhida para ser a paraninfa na formatura de sua turma. Segundo o sujeito, todos reconheciam o ótimo trabalho que ela desenvolvia, contribuindo muito para a formação dos alunos. *“Ela foi muito importante pra mim especialmente, mas a classe inteira gostava muito dela”.*

## 5. DISCUSSÃO DOS DADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já explicitado, esta pesquisa volta-se para a análise das condições de ensino, visando identificar relações de mediação desenvolvidas por professores, através das práticas pedagógicas, que produziram efeitos aversivos em seus alunos na relação com determinado objeto, havendo posteriormente, mudanças nessa relação em função de uma nova história de mediação, com efeitos positivos.

Ultimamente, vários estudos (Tassoni, 2000; Silva, 2001; Negro, 2001; Colombo, 2002; Falcin, 2003, entre outras) têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano, consolidando as teorias que se baseiam numa visão mais integrada do ser humano, defendendo a indissociabilidade dos aspectos afetivos e cognitivos. Por isso, é interessante discutir a questão da construção de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, em especial as formas como se estabelecem estas relações e como os sujeitos vão se constituindo.

Tendo como referencial teórico a abordagem histórico-cultural, assume-se que é por meio das interações sociais que os indivíduos se desenvolvem. Oliveira (1992) enfatiza que o desenvolvimento individual se dá num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual. Na escola, além da convivência com seus pares, os indivíduos têm a possibilidade de conviver com os professores. Assim, a aprendizagem envolve sempre a relação do eu e do outro, razão pela qual a questão da afetividade entre professor e aluno está sempre presente na relação, sendo um elemento importante e fundamental na construção do conhecimento. Almeida (1999) afirma que *"(...) na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre as pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente"* (p. 107).

Um conceito que se destaca com relação ao papel do outro (no caso, o professor), na teoria sócio-histórica, é o de mediação. Conforme já exposto, a mediação docente é essencial para o processo de aprendizagem dos sujeitos.

Deve-se, no entanto, destacar que a qualidade da mediação que ocorre em sala de aula, incluindo todas as decisões de ensino assumidas pelo professor, influenciam

sobremaneira a relação afetiva que se estabelece entre sujeito-objeto. Mas essa relação não é imutável, como mostraram os dados da pesquisa. No mesmo indivíduo, alterando-se as formas de mediação, pode se estabelecer uma nova relação com o objeto de conhecimento, favorecendo o processo de aprendizagem. Sobre isso, Tassoni (2000) aponta que: *“O que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê – afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto”* (p. 149).

Leite e Tassoni (2002) já haviam apontado que a afetividade, além de estar presente nas relações que se estabelecem entre o professor e os alunos, manifesta-se também nas decisões pedagógicas assumidas pelo docente.

Conforme a criança avança em idade, torna-se necessário *“ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva, no nível, por exemplo, da linguagem”* (Almeida, 1999, p.108). Mesmo reconhecendo-se, em nossa cultura, o contato corporal como forma preferencial de demonstrar carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar o seu trabalho e reconhecer seu esforço também constituem formas de vinculação afetiva.

Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva. Dantas (1992) refere-se a essas formas de interação como *“cognitivização”* da afetividade.

Nesse sentido, a partir dos dados da presente pesquisa, pode-se perceber que essas vivências afetivas, presentes nas condições de ensino assumidas pelos professores, foram fundamentais e tiveram uma grande influência para que ocorressem as mudanças positivas na relação dos sujeitos com o objeto de conhecimento.

Pôde-se notar, nas entrevistas, o prazer dos participantes em relatar as experiências escolares afetivamente positivas envolvendo os objetos de ensino e mediadas pelo respectivo professor. Ficou explícita a alegria dos sujeitos ao falarem sobre o professor responsável pela mudança, não somente pela relação agradável que mantinha com seus alunos, mas, sobretudo, porque lhes possibilitou, por meio de práticas pedagógicas eficazes, uma aprendizagem verdadeira, significativa e prazerosa. E mais que isso, todos esses

professores contribuíram e ajudaram muito para que esses sujeitos superassem os efeitos das situações traumáticas, fruto da mediação aversiva a que haviam sido submetidos anteriormente. Nesse sentido, os professores atuaram na auto-estima desses alunos.

De acordo com Moysés (2001), auto-estima é a percepção que a pessoa tem do seu próprio valor, proveniente da experiência do meio ambiente e do contato com os outros. Ela é construída em todas as etapas do desenvolvimento humano, recebendo influência das pessoas significativas do ambiente familiar, social e escolar, como consequência das próprias experiências de sucesso ou fracasso. Os professores, certamente, melhoraram a auto-estima desses alunos, incentivando-os, elogiando-os e demonstrando atenção para que eles pudessem se sentir seguros e capazes, influenciando diretamente a mudança na relação afetiva com o objeto de conhecimento. Segundo a autora, o fato de se considerar bom ou ruim pode acabar influenciando o desempenho escolar do aluno na medida em que poderá afetar o seu grau de esforço, de persistência e o seu nível de ansiedade. Nesse sentido, afirma “...*peessoas com percepções positivas das suas capacidades aproximam-se das tarefas com confiança e alta expectativa de sucesso. Consequentemente, acabam se saindo bem*”. (p. 38)

Nos relatos dos sujeitos é possível perceber esta atuação positiva dos professores, fundamental para a mudança na natureza afetiva entre os alunos e os conteúdos escolares.

Todos os participantes haviam vivido, anteriormente, experiências aversivas com outros professores. Por isso, carregavam com eles marcas e sentimentos dessa mediação negativa. Os dados mostram que, como consequência, os sujeitos foram perdendo o interesse e a vontade de estudar as disciplinas em que as condições de ensino haviam sido aversivas. No caso dos sujeitos C e D, os prejuízos foram ainda maiores, pois o desinteresse foi se generalizando para as outras disciplinas. Para o sujeito C, a relação aversiva foi tão traumática que ele chegou a repetir a 7ª série.

Diversas foram as práticas pedagógicas, exercidas pelos professores e relatadas nas entrevistas, que possibilitaram a determinação de uma relação negativa entre os participantes e os objetos das respectivas disciplinas.

As falas dos sujeitos, a respeito do relacionamento do professor com os alunos, evidenciam que este foi um dos fatores centrais para a constituição da relação aversiva. Principalmente, os sujeitos A e C destacam o caráter autoritário que a professora

apresentava em sala de aula e o relacionamento difícil que mantinha com os alunos, privilegiando somente a transmissão dos conteúdos e não o compartilhamento dos conhecimentos.

Os sujeitos relatam que chegavam a ter medo dos professores, pela postura que estes demonstravam em sala de aula. Neste sentido, destaca-se a experiência do sujeito B, que relata o mau-humor com que a professora sempre chegava à sala de aula, sempre gritando e exigindo silêncio.

Os participantes, ao descreverem as aulas, evidenciam o desinteresse e o descompromisso dos professores pela prática docente. Relatam que eram aulas completamente desmotivadoras, que se resumiam a cópias da lousa e não permitiam a participação dos alunos. Destacam também que os professores não demonstravam preocupação com a aprendizagem dos alunos, não faziam correção de exercícios e os alunos não tinham oportunidade para tirar dúvidas. Segundo Leite e Tassoni (2002): *“Nestas condições, a natureza da relação que se estabelece entre o aluno e o objeto pode apresentar um tal nível de aversividade que, no final do processo, leva o aluno a expressar a intenção de nunca mais relacionar-se com aquele objeto”* (p. 134)

Além disso, como sugerem os dados, os professores não valorizavam o trabalho dos alunos, estavam sempre criticando-os e colocando defeitos, contribuindo para amplificar os sentimentos aversivos dos sujeitos. No caso do sujeito C, a professora fazia questão de expor as suas dificuldades publicamente para a classe, fazendo comentários depreciativos na hora de entregar as avaliações corrigidas.

A questão da avaliação também foi um outro fator citado que contribuiu para o estabelecimento de uma relação aversiva entre os sujeitos e o objeto. O sujeito C, por exemplo, relatou o quanto as avaliações foram traumatizantes para ele, pois a professora só valorizava respostas decoradas. O sujeito D, também, enfatizou o caráter negativo das suas avaliações, que eram completamente descontextualizadas; ensinava-se muito pouco nas aulas e exigia-se muito nas avaliações.

Mas, felizmente, como mostraram os dados da pesquisa, alterando-se a qualidade da mediação, a relação dos sujeitos com o objeto de conhecimento também foi modificada.

Todos os participantes tiveram a oportunidade de conhecer um novo professor, da mesma disciplina que, através de práticas pedagógicas favoráveis e muita disposição para

ensinar, conseguiram reverter a situação e possibilitar aos sujeitos a construção de uma relação afetiva positiva com determinada disciplina.

A forma de o professor mediar as relações e tornar o objeto do conhecimento afetivamente positivo, não se restringe exclusivamente às práticas pedagógicas. Pôde-se perceber nas entrevistas a importância que teve, para os sujeitos, o fato de o professor prestar atenção no comportamento dos alunos. Todos apresentavam, de início, um comportamento tímido e retraído, certamente reflexo da história de mediação aversiva a que haviam sido submetidos anteriormente; os professores tiveram um papel fundamental ao perceberem esse comportamento e conversarem com os sujeitos. O sujeito C conta que se lembra exatamente desse dia, pois foi um momento muito importante para ele, que o marcou muito, sendo o início de todo o processo de mudança na sua relação com a disciplina História.

Com relação às aulas desses professores, é possível perceber que se diferenciavam, e muito, das anteriores. Eram aulas empolgantes e participativas. Os dados indicam que as interferências dos professores eram constantes na realização ou correção dos exercícios, tirando dúvidas sempre que solicitados, ajudando, assim, os alunos a reconhecerem os erros ou repensarem caminhos para a resolução dos problemas propostos.

Os dados sugerem, ainda, a importância do incentivo docente à participação dos alunos na aula. Indicam, portanto, que os professores citados não se restringiam à mera exposição dos conteúdos, mas convidavam os alunos a se envolverem em todas as situações. Em seus relatos, os sujeitos indicam que isso os deixava mais à vontade para fazerem perguntas e esclarecerem dúvidas, além de estimular sua interação com o objeto em questão.

Tomando como exemplo o caso do sujeito C, este enfatiza que o objetivo do professor de História era melhorar o nível cultural dos alunos. De acordo com o participante, o docente se valia de atividades que abordavam reportagens de jornais e revistas, discutia política contemporânea nacional e mundial, eleições, pobreza, analfabetismo, enfim, trazia temas polêmicos e atuais para serem debatidos em sala.

Essas atividades, segundo o sujeito, despertaram seu senso crítico, seu interesse pela leitura de jornais, revistas e livros indicados pelo professor, além de possibilitarem uma relação extremamente positiva com a área de História.

Também foi bastante enfatizada a importância de o professor ter um amplo domínio dos assuntos que ensinava, a segurança com que argumentava, a organização, a pontualidade e a seriedade. Nesse sentido, o sujeito A destaca a importância de a professora preparar as aulas. Para ele, o fato de o professor saber o que vai ensinar e preparar as aulas, faz com que o aluno tenha mais confiança, mais certeza no que ele está aprendendo.

Os dados também indiciam que as atividades discentes com esses novos professores não se limitavam a exercícios silenciosos e individualizados. Pelo contrário, pode-se inferir que a prática docente narrada pelos sujeitos valorizava o diálogo e a vivência coletiva. Diversos são os relatos dos sujeitos que destacam a importância de o professor permitir o trabalho grupal em sala de aula, em que os alunos tinham a oportunidade de compartilhar entre si os conhecimentos. Essas práticas demonstram a importância das interações entre professor e o aluno e entre o aluno e seus colegas para o processo de apropriação dos conteúdos.

Juntamente com todos esses aspectos já explicitados, a questão da avaliação também foi responsável pela mudança nas relações sujeito-objeto, uma vez que foram vivenciadas de outra forma.

Segundo Leite e Tassoni (2002), a avaliação só tem sentido se os resultados forem utilizados sempre a favor do aluno, possibilitando-lhe rever e alterar as condições de ensino, visando ao aprimoramento do seu processo de apropriação do conhecimento. Neste sentido, os dados apontam uma prática de avaliação em consonância com as práticas desenvolvidas nas salas de aula, permitindo aos alunos reconhecerem sua aprendizagem e ao professor, avaliar suas práticas. Os professores não utilizavam a avaliação como uma forma de poder; coerentemente, cobravam dos alunos aqueles conteúdos que haviam ensinado, discutido e trabalhado durante as aulas com eles. Encaravam-na, portanto, não como um instrumento punitivo, mas como parte do processo de ensino-aprendizagem.

Os dados também se referem à questão da relação entre o professor e o objeto de conhecimento com o qual trabalha, evidenciando que os professores que possuem um grande domínio dos conteúdos a serem ensinados, e demonstram por ele uma verdadeira paixão, conseguem contagiar seus alunos com esse sentimento nas aulas, motivando-os e empolgando-os para estudarem e se dedicarem ao conhecimento daquele objeto. De acordo com Tassoni (2000), *“os aspectos afetivos que permeiam a relação professor-aluno não se*

*restringem somente às virtudes e valores do professor com relação aos seus alunos. Eles manifestam-se também na maneira como o professor lida com o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve”* (p. 23). Os sujeitos percebiam os professores interessados em ensinar, comprometidos com o seu trabalho. Em suma, eles deixavam transparecer a paixão que tinham pela sua profissão e pelo seu objeto.

É possível inferir, portanto, que a maneira de o professor expor suas aulas com desenvoltura, demonstrando grande competência e conhecimento, estimulava os sujeitos em seus estudos e favorecia sobremaneira sua relação afetiva com aquele objeto. Tassoni (2000) confirma ao dizer “(...) *o professor contagia os alunos e, conseqüentemente, o ambiente da sala de aula, com suas emoções e sentimentos*” (p. 154).

Analisando os relatos dos sujeitos, é possível perceber a grande importância da ação desses professores em suas vidas. Principalmente, nos casos dos sujeitos C e D, os professores influenciaram, inclusive, a escolha da carreira profissional. O sujeito C, de um estado inicial de total desinteresse pela disciplina História, tendo contato com um professor que reverteu essa situação, hoje faz Ciências Sociais. Similarmente, o sujeito D, tendo vivenciado um processo de mediação positiva com a disciplina Biologia, optou por cursar a faculdade de Ciências Biológicas.

A partir da apresentação do conjunto de dados obtidos nesta pesquisa, foi possível identificar como os aspectos afetivos são importantes na dinâmica interativa da sala de aula, constituindo-se a base da construção de um vínculo afetivo na relação sujeito-objeto. Os relatos confirmam que a aprendizagem não se restringe à dimensão intelectual ou cognitiva, mas são profundamente marcadas pela afetividade. Para Snyders, a escola deve enxergar o aluno em sua totalidade, procurando a inter-relação dos aspectos afetivos com os cognitivos, “(...) *de todos os conhecimentos, da geografia à matemática, esperam-se ressonâncias afetivas. Todos sabemos que, para o aluno, o conhecimento é trazido pelo afetivo: ele aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe parece segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola, ao mesmo tempo, tem necessidades de conciliar o intelectual e o afetivo, e constitui um local privilegiado para essa conciliação*” (apud. Tassoni, 2000, p.25).

Finalmente, entende-se que a presente pesquisa contribui para a reflexão sobre a importância do papel mediador do professor. A qualidade desta mediação é fator

primordial, pois tanto pode direcionar o aluno ao fracasso (mediação aversiva), como pode facilitar o processo de aprendizagem, traduzindo-se em atitudes positivas do indivíduo em relação a si próprio e ao mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, W. M. J. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para um debate metodológico in BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M. e FURTADO, O. (Orgs) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, A. R. *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.
- BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Coleção Ciência da Educação, 1994.
- COLOMBO, F. A. *Afetividade e produção escrita: a mediação em crianças de pré-escola*. Monografia, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2002.
- DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon in TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Khol de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- FALCIN, D. C. *Afetividade e condições de ensino: a mediação docente e suas implicações na relação sujeito-objeto*. Monografia, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2003.
- GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 9ª Edição.
- GROTTA, E. C. B. *Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de educação, UNICAMP. Campinas, 2000.
- LEITE, S. A. S., TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor in AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Org.) *Psicologia e formação docente: desafios e conversa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LUDKE, M. ; ANDRE, M. E. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MOYSÉS, L. *A auto-estima se constrói passo a passo*. Campinas: Papirus, 2001.
- NEGRO, T. C. *Afetividade e Leitura: a mediação do professor em sala de aula*. Monografia, Faculdade de educação, UNICAMP. Campinas, 2001.
- OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky in TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Khol de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

- \_\_\_\_\_. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 14<sup>o</sup> Edição.
- SILVA, M. L. F. S. *Análise das dimensões afetivas na relações professor-aluno*. Monografia, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2001.
- TASSONI, E. C. M. *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de educação, UNICAMP. Campinas, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Edições 70, 1968.
- \_\_\_\_\_. *As Origens do Caráter na Criança*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

### **SUJEITO A: “LÍNGUA PORTUGUESA: DE UMA RELAÇÃO AVERSIVA À CONSTITUIÇÃO DE UM SUJEITO LEITOR”**

#### **A primeira professora e seu estilo autoritário**

“Eu sempre tive dificuldades com Português, mas, o problema começou a se agravar a partir da 5ª série”.

“A professora era um verdadeiro desastre. Ela já era um pouco velha. Tinha um estilo autoritário. Gostava de usar sapatos de salto e ficava andando pelos corredores da sala, fazendo toc-toc, com uma régua grande de madeira na mão. Queria impor sua autoridade. Se via que alguém não estava de cabeça baixa trabalhando, ela batia com a régua na mesa para impressionar e assustar. Costumávamos dizer que ela era pré-histórica”.

#### **A mediação aversiva**

“Suas aulas eram sempre a mesma coisa. Pedia três leituras silenciosas do texto, depois ela lia uma vez, sem sentimento nenhum e depois ia pedindo para cada um ler um parágrafo. Em seguida, era uma lista de questões para fazer a interpretação do texto. Não me lembro de ela ter corrigido estas questões uma vez sequer. Nos exercícios de gramática era pior ainda, não explicava nada, passava um modelo na lousa e pedia pra gente resolver os exercícios do livro seguindo o modelo. Não dava oportunidades de fazer perguntas pra ela e também não podíamos perguntar para os colegas, pois, ela ficava andando pelos corredores exigindo silêncio. Ela só dava mais atenção para as meninas que ficavam sentadas nas primeiras carteiras. O resto...era resto”.

“A leitura de livros também não era incentivada por ela. Ela sequer deixava a gente escolher os livros, nem chegávamos perto da biblioteca. Ela enchia uma caixa de livros e depois ia distribuindo um pra cada um, não importava se achávamos interessante ou não. E tínhamos que ler, porque tinha que entregar a ficha de leitura”.

“Quando foi na 8ª série, ela, no caso, vamos dizer assim, ela queria se aposentar. Então, ela não queria dar aula, ela queria dar o tempo dela para sair a aposentadoria, para ela sair da escola”.

“Só que ela não queria dar aula de qualquer jeito. Então ela tinha que enrolar. Ela começou a enrolar, não dando matéria pra gente, não passando nada, faltava direto, tirava licença, não dava aula, faltava. Ia dava uma aula, ao invés de dar duas aulas, ela dava uma aula e ia embora”.

### **O contato com o segundo professor ainda mais desmotivador**

“Só que durante esse tempo, ela conseguiu tirar uma licença prêmio, que é por causa de alguns anos que ela dá aula direto, sei lá, sei que ela teve direito, acho que a três meses, de licença”.

“Aí foi obrigado a colocar uma pessoa substituindo. E esse professor, ele chegou, mesmo vendo que a gente não estava tendo aula direito, começou a encher a gente de matéria. Passava matéria na lousa, pedia exercícios pra entregar, valendo nota, só que a maioria não sabia nada”.

“Ele começou a exigir muito da turma, nós não tínhamos base nenhuma porque fazia mais de seis meses que a gente não tinha aula. E ele começou a reclamar muito da letra de alguns alunos, inclusive a minha”.

“E ele falava em alto e bom som, pra todo mundo da classe, que eu e mais três, mais quatro, precisávamos fazer um caderno de caligrafia, que a nossa letra era horrível, que era melhor a gente voltar pra 1ª série. E todo mundo tirava sarro da gente porque, imagina, uma pessoa com 14 anos, 15 anos fazer um caderno de caligrafia, em plena 8ª série. E até que ele chegou a comprar um caderno de caligrafia para cada um dos alunos, passou a matéria em um deles e pediu para os outros copiarem. O pior eram as frases que ele escreveu: “O professor Pedro Paulo é o melhor”, “Eu adoro português e o professor Pedro Paulo”, “Devo respeitar meu professor”, eram umas coisas absurdas”.

## **Os sentimentos provocados por esse contato com o segundo professor**

“E eu, morrendo de raiva, fui lá, fiz o caderno inteirinho pra ele. Ele tinha dado um prazo, de questão, acho que duas semanas pra gente fazer o caderno de caligrafia. E eu, tentando ainda agradá-lo, mostrar minha vontade, me aproximar dele, fiz o caderno de caligrafia em três dias”.

“Mas, ele entendeu tudo errado. Entreguei o caderno pra ele, folheou o caderno pra ver se estava completo, não fez nenhum elogio, acho que nem reparou na letra. Só olhou pra mim e perguntou: “Você está me desafiando?”

“Eu quase comecei a chorar na hora de nervoso. Tentei explicar pra ele que eu só estava tentando mostrar empenho, eu queria melhorar. Mas, ele nem quis saber”.

“Ninguém entregou o caderno, exceto eu. Ninguém foi lá, fez o caderno e entregou só eu”.

“Aí, ele pegou e começou, além de tirar sarro da turma, dos meninos que não fizeram o caderno de caligrafia, ele tirava sarro de mim porque eu fiz. Ele simplesmente não gostava da turma, sabe. Sabe quando parece que o professor dá aula porque ele foi obrigado a dar aula. Não é porque é uma coisa que ele gosta!”

“Nunca nenhum professor meu tinha reclamado da minha letra, o único que reclamou foi esse professor e, ele acabou acabando com a minha auto-estima”.

“Foi essa tortura até a outra professora voltar”.

## **A volta da primeira professora**

“Mas não sei o que era pior, ela continuou não dando matéria nenhuma, uma desmotivação total. Tanto é que nós chegamos a fazer desenho livre na sala, em plena 8ª série, ao invés de fazer uma redação, alguma coisa de gramática, sei lá, alguma coisa de português pra gente aprender porque a gente ia precisar”.

“A professora fechou as médias, todo mundo fechou com média B. Ela simplesmente passou a turma, não fez prova, não fez avaliação, não fez nada. Como eu

poderia aprender, como eu poderia gostar de português com todos esses traumas. Eu me sentia um incompetente”.

### **A mudança de escola**

“Peguei, terminei a 8ª série. Fui fazer colegial em uma outra escola (naquela escola eu não ficava mais). Eu fazendo lá, todo mundo pegava e tinha uma base em português, participava das aulas, resolvia os exercícios, menos eu. Nas outras matérias, eu já até tinha começado a perguntar quando eu não entendia, participava, mas com português não. O que eu ia fazer, eu teria que perguntar tudo, eu não sabia nada. Então, ficava lá, num canto ainda um pouco desinturmado e literalmente boiando. Aí eu me senti mais incompetente ainda. Eu já não sabia muito, na 8ª série eu não tive nada e ainda encontrei aquele professor pelo caminho. Então, eu estava muito atrasado em relação à turma. Tanto é que todo mundo aprendia as coisas e eu ficava meio pra trás”.

### **A mediação positiva da nova professora**

“Aí, a professora, D. Cleuza, no caso, foi uma ótima professora pra mim. Ela pegou, eu tive três anos de aula com ela”.

“Então, independente de onde terminava a matéria, eu sempre continuava a voltar pra trás porque eu tinha muitas dúvidas. Ela pegou e percebeu isso daí, percebeu o meu jeito na classe e começou a me ajudar. Daí ela ficou três anos me ajudando”.

“Eu cheguei, não foi uma vez, foram várias vezes, conforme, depois das 11:30hs, que era o horário nosso de saída, a professora ficava comigo pra fazer a aula, dava uma aula particular pra mim basicamente, pra eu conseguir chegar no mesmo ponto da turma, porque eu era muito atrasado”.

“Então, ou após a aula, às vezes eu tinha uma janela ou ela tinha, eu ia na sala dos professores e via alguma coisa com ela, ela explicava alguma coisa, tirava dúvidas. Durante as aulas, ela estava sempre atenta, perguntava se eu havia entendido”.

“Eu nunca tinha visto aula de português como a dela. Pra mim tinha sido sempre a mesma coisa. Aquela leitura e interpretação de texto que não entendia nada. Aquelas

análises de frases que eu não entendia nada, copiava ou deixava em branco sempre. As aulas dela eram diferentes. Ela explicava até a gente entender, a lousa era inteirinha riscada de explicações, se alguém não entendia ela ia explicando até entender. Lia os textos com a gente, mas não simplesmente lia, ela explorava o texto”.

“Pra explicar as escolas literárias ela não partia das características de cada uma, você decorava e pronto. Ela não, ela explicava todo o contexto que favorecia o aparecimento daquelas características”.

“Ela incentivava demais! Incentivava a leitura dos livros para os vestibulares, sempre contava um pedacinho da história e depois dizia: “Pra saber o resto vão ter que ler o livro”. Eu achava que isso era um grande incentivo, despertava a curiosidade”.

“Sabe, ela preparava a aula, ela chegava e sabia o que ia dar. Ela não ficava lá, perdida. Sempre procurava animar a aula, trazia coisas diferentes pra gente não ficar só no livro”.

### **A ajuda dos colegas**

“Outra coisa que ela fazia e que eu achei que me ajudou muito, foi fazer grupos de estudos. Me ajudou bastante trabalhar em grupo. Geralmente, era ela que montava os grupos, então, ela me colocava com algumas pessoas que tinham mais facilidade e elas me ajudaram também a estudar”.

### **Os cuidados da professora na avaliação**

“Na prova, ela sabia que eu era um pouco mais fraco. Ela já até compreendia isso daí. Eu já tinha contado pra ela toda a minha história. Ela pegou e, no caso, ela fez, ela até dava (como chama) um desconto, vamos dizer assim, na minha nota. Então, ela sabia das minhas dificuldades e, ao invés de ressaltar os pontos em que eu tinha problemas, ela procurava destacar o que eu tinha feito certo, onde eu tinha ido bem. Ela sabia que o ponto que eu ia tirar nota não ia ser igual ao da turma. Então, ela pegava, dava a mesma avaliação, só que a minha pontuação era diferente. Ela sabia das minhas dificuldades e entendia, ao

invés de ficar dando nota baixa pra me menosprezar. Ficava quase igual às outras, só que em relação ao que eu tinha aprendido”.

### **Os sentimentos provocados pela mediação positiva**

“Toda vez que ela me encontra nas ruas, ela me cumprimenta e fala que eu fui um ótimo aluno”.

“Eu aprendi a gostar da matéria depois, no caso, no colegial, pelo motivo da professora insistir comigo e me apoiar, diferente do professor da 8ª série que me menosprezava. Ela nunca reclamou da minha letra”.

“Só consegui me recuperar, me empenhar para aprender português por causa do jeito da D. Cleuza. Tinha um jeito calmo e tranqüilo, mas, ao mesmo tempo contagiante, é essa é a palavra. Demonstrava gostar, ter verdadeira paixão pelo ensino de português”.

“Me lembro das palavras dela quando já estávamos no final do 3º colegial. Falou assim, Rafael você conseguiu e eu tenho certeza de que o que você aprendeu aqui você vai usar bastante mesmo que você faça Engenharia. Ela sabia da minha paixão pelos computadores. E foi uma lição pra mim. Foi uma coisa assim, que até agora, eu respeito ela, eu agradeço a ela porque ela me ajudou bastante”.

“Nunca nenhum professor tinha reclamado da minha letra. Eu acho, que eu não precisava ter passado por aquela vergonha que aquele professor me fez passar, que só fez agravar o meu problema com português”.

“Por isso, agradeço de verdade a D. Cleusa, porque ela não ficou me, como posso dizer, me recriminando por causa da minha letra. Com a ajuda dela, eu fui melhorando em português, junto com ela, fui descobrindo outras qualidades”.

### **A nova relação com Português e a constituição do leitor**

“Bom, minha letra eu não posso dizer que melhorou. A minha letra é feia até hoje, concordo, minha letra é feia mesmo, hoje eu consigo dizer isso, sem me sentir mal, sem ter vergonha. Mas, não é uma coisa, assim, que não dá pra entender. Ela só não é muito caprichada, mas, na minha opinião isso não é nenhum crime. Mas, antes eu não entendia

isso. Hoje, eu sei que eu posso aprender português mesmo não tendo uma letra muito bonita, é só algum professor ter vontade de dar aula e ajudar os alunos com mais dificuldades”.

“Eu li alguns livros de literatura por causa do incentivo que ela dava, do suspense que ela criava, daquele jeito de não contar o final. Ela contava um pedaço da história de uma forma tão interessante que depois dava vontade de saber o final”.

“Com ela, também comecei a me interessar pela leitura de jornais e revistas. Era legal o jeito que ela trabalhava. Geralmente era em segunda-feira. Ela levava a Folha de São Paulo de Domingo, às vezes levava a revista Veja. Às vezes era em grupo, às vezes era individual. Ela distribuía uma parte do jornal pra cada um, a gente lia, escolhia uma reportagem e depois ela escolhia alguns para apresentar. Quando as reportagens eram maiores, ela deixava trabalhar em grupo e apresentar na próxima aula, pesquisar em outros lugares sobre o assunto”.

“Hoje, tenho o hábito de ler jornais aos domingos. Pedi para o meu pai começar a assinar a Folha logo que terminei o 3º colegial, já que não ia mais ler na classe, queria ler em casa. Não vou dizer que leio o jornal inteiro, mas, vou procurando as notícias mais importantes, o que tem mais haver comigo”.

“Acho que esse jeito de trabalhar com jornal também me ajudou a melhorar o jeito de escrever, de elaborar textos, de fazer redação. Quando a gente lia a notícia, depois a gente tinha que reescrever o que a gente tinha entendido para apresentar, então tinha que ser um texto bom, pra todo mundo entender. Eu melhorei muito minha interpretação de texto. Minhas redações também melhoraram, hoje me dou bem em uma matéria da faculdade que precisa escrever textos. Quanto mais a gente lê, mais informações a gente vai guardando, assim os textos saem melhores”.

## ANEXO 2

### **SUJEITO B: “A MUDANÇA NA RELAÇÃO COM A MATEMÁTICA COMO UMA PONTE PARA A ESCOLHA PROFISSIONAL”**

#### **A professora não enxergava as dificuldades do aluno**

“Eu sempre tive dificuldades com matemática. Eu não via sentido, eram umas coisas, que eu me perguntava: onde, pra que, que eu vou usar isso?”

“Tinha aquelas expressões, com  $x$ ,  $y$ , pra descobrir, aquela decoração de fórmulas, fórmula de Bhaskara e outras tantas que eu não entendia da onde surgiam”.

“Eu tive a mesma professora, da 5ª a 8ª série. Eu passei esses quatro anos sem aprender matemática. Eu passava de ano raspando, por causa das recuperações. Era incrível, eu era o motivo de riso da classe, todas as provas eu tirava nota baixa. Eu fiz recuperação em todas as provas, e eu não tirava notas boas na recuperação não, era aquele “cezinho”, que pra falar a verdade nem eu sei da onde vinha, quando eu recuperava, às vezes nem conseguia”.

#### **A cola como tentativa para tirar uma boa nota**

“Lembro de uma vez, é até feio contar isso, mas vamos lá. Ia ser a primeira prova da 7ª série, pra variar, eu não sabia nada. Então, tinha uns meninos da minha classe, que também não sabiam muito e eles colavam. Então, eu pensei, ah... vou colar também, assim eu tiro uma nota boa”.

“Você acredita que a professora me pegou colando? Acho que foi o pior dia da minha vida. Ela fez um escândalo, arrancou a minha prova e começou a gritar: “Mas, você é um incompetente mesmo!”, “Aonde você acha que vai chegar, colando assim?”, “Você não sabe nada de matemática, acho que não ia nem entender a cola, se é que ela tá certa!”

Eu fiquei lá parado, não conseguia abrir a boca, parecia que eu tinha entrado em estado de choque, só ouvia os risinhos e os comentários da classe”.

“Eu sei que é errado colar, eu já sabia desde aquela época, mas foi uma saída que eu achei, a professora não ajudava, não explicava nada direito”.

### **A pressão familiar**

“O sonho do meu pai era que eu fosse engenheiro, desde pequeno eu ouvia isso. E a minha mãe, ia nas reuniões da escola, via as minhas notas horrorosas de matemática, chegava em casa, contava pra ele, aí era aquela falação! Ele falava: “Como você vai ser engenheiro com essas notas de matemática?”; “Será possível que você quer ser igual eu, um simples pedreiro?”. Eu ficava triste ouvindo ele falar essas coisas. Mas, o que é que eu ia fazer, eu não entendia, a professora não ajudava, não incentivava”.

### **A mediação aversiva**

“As aulas eram péssimas! Desanimadoras pra falar a verdade. Geralmente, colocava a fórmula na lousa, passava um monte de exercícios que para resolver bastava aplicar a fórmula. Não fazia deduções das fórmulas, o que poderia ajudar a gente entender. O único jeito era decorar!”

“Para piorar a situação, a professora ainda falava: “matemática se aprende fazendo exercícios, treinando”. Pra mim, isso era o cúmulo, eu estava ali na escola pra aprender e não pra treinar, treino é decorar sem entender. Tanto é que quando mudava um pouco o enunciado dos problemas, ninguém mais conseguia resolver porque não tinham sido treinados para aquilo”.

“Antes de ocorrer o episódio da cola, eu ainda tentava perguntar pra ela, tomava coragem, ia na mesa dela, pedia pra ela explicar de novo, de um outro jeito porque eu não tinha entendido. Ela era grossa, falava que eu não prestava atenção, que ela não ia explicar de novo que era pra eu me virar”.

“Depois da cola, não perguntava mais nada, eu tinha até medo de olhar pra ela, acho que ela até dava graças a Deus”.

“Ela já chegava mal humorada, todo dia reclamava de dor de cabeça. Eu acho que ela não gostava de estar ali”.

### **Os sentimentos do aluno**

“E foi indo assim até o final da 8ª, recuperação em cima de recuperação, ia agüentando as brincadeiras dos colegas, da professora. Fui ficando cada vez mais quieto, na minha. Falava muito pouco na sala”.

“Comecei a encarar a matemática como a matéria mais sem importância de todas, eu não tinha vontade de estudar, me sentia incapaz de entender”.

“A professora não mostrou o sentido da matemática, e o que foi pior, colocou o problema em mim, eu era o “burro” que não sabia fazer nada”.

“Quando algum professor te expõe pra classe, fica “tirando sarro” das suas dificuldades ele destrói tudo. Você não consegue mais aprender. Você fica com vergonha, com medo, acha que tudo o que você faz ou fala tá errado, que alguém vai ficar dando risadinhas. A gente realmente perde a confiança no que a gente pode fazer. Foi o que aconteceu comigo”.

### **A mudança de escola**

“Quando terminei a 8ª série, minha família mudou de casa e eu fui estudar em uma outra escola, em um outro bairro. Eu dei graças a Deus né... eu me sentia péssimo naquela escola”.

### **A mediação positiva**

“Ah, as aulas dele eram animadas. Acho que era reflexo dele. Ele era uma pessoa muito feliz. Estava sempre de bom humor. Tratava muito bem todos os alunos, chamava todos de “amigo”. Era: “Bom dia amigos”; “Entenderam amigos”.

“Então, ele dava muita liberdade para perguntar, incentivava, inclusive, as perguntas. Se ele terminava a explicação e ninguém perguntava nada ele brincava: “ninguém tem nenhuma dúvida, eu sou tão bom assim?”

“Mas, muitas vezes, ninguém tinha dúvida mesmo. Ele explicava muito bem. Suas aulas eram as melhores, totalmente dinâmicas, participativas. Ele explicava as experiências dos grandes matemáticos e o que os levaram a estudar aqueles fenômenos. Com brincadeiras ele ensinava a resolver equações e problemas de probabilidade”.

“Na primeira prova que ele deu eu fui mal, na segunda também. Apesar, de ter começado a gostar das aulas de matemática, eu ainda não tinha conseguido aprender porque me faltava base, tinha coisas básicas que eu não sabia”.

“Aí, depois da segunda prova que ele viu que eu fui mal, ele me chamou pra conversar. Ele queria entender porque que eu estava indo mal. Perguntou se ele não estava sendo claro na explicação, se eu estava com algum problema...Eu contei pra ele tudo o que tinha acontecido comigo, a professora que eu tive, como ela fez eu me sentir com relação à matemática”.

“Ele ouviu tudo e falou que eu não devia me sentir assim; que eu deveria fazer o que eu tivesse vontade, o que eu gostasse. Mas, que eu tinha que ter a possibilidade de conhecer para poder aprender, poder gostar. E foi o que não tinha acontecido”.

“Então, a partir daí, ele me deu uma atenção especial. Passava sempre pela minha carteira enquanto a gente estava resolvendo os exercícios, sempre me ajudava, me explicava. Dava folhas extras de exercícios para eu resolver em casa. Ele corrigia e sempre me incentivava, falava que eu estava melhorando muito”.

“Ele sempre vinha me perguntar como estava indo, se eu estava conseguindo resolver. E quando eu não conseguia entender alguma coisa, eu falava pra ele, e era só ele ter um tempinho que ele me chamava pra explicar”.

“Ele sempre me mostrava na prova o que eu tinha errado, me explicava o porque e isso me ajudava a não errar de novo a mesma coisa”.

## **A ajuda dos colegas**

“Às vezes, no final da aula ele dava um desafio de acordo com a matéria que ele tinha dado no dia. Pedia que a gente, em grupo, pesquisasse em casa e tentasse achar a solução do desafio. Era legal, porque todo mundo conseguia resolver. O trabalho em grupo me ajudou bastante, me fez ganhar confiança”.

“Vendo as dificuldades de alguns alunos, a minha inclusive, ele resolveu fazer duplas pra um ajudar o outro. Pra mim foi muito bom!”

“Às vezes era ele quem escolhia as duplas, às vezes ele deixava a gente escolher. Nas primeiras vezes, foi ele quem escolheu. Pra mim foi bom, porque eu era aluno novo e ainda não tinha muitas amizades. Ele me colocou com um menino que tinha mais facilidade. Foi muito legal, fiquei muito amigo desse menino. Até hoje sou amigo dele. Nós ficamos amigos de sair juntos inclusive. Hoje, ele faz Engenharia Mecatrônica na mesma faculdade que eu, só que ele já está no 2º ano. Quando ele deixava livre pra escolher a gente continuava junto”.

“Então, o professor me ajudou muito percebendo minhas dificuldades e organizando os trabalhos em duplas. E o meu amigo também foi fundamental pra mim. Ele teve que ter muita paciência comigo no começo, muitas vezes nós ficávamos atrasados porque ele tinha que ficar voltando pra explicar pra mim. Mas, ele não desanimava, ao contrário, quem ficava irritado por não saber era eu, mas, ele tinha paciência e conversava comigo, falava que eu tinha que ter calma, que eu ia aprender”.

## **Os sentimentos provocados pela mediação positiva**

“E tudo isso foi refletindo na minha nota, aos poucos eu fui melhorando. Eu não tirei logo um “A”, mas, fui melhorando aos poucos”.

“Esse professor foi homenageado pela nossa turma e por outras também na formatura. Todos tinham reconhecido a importância dele pra nossa formação, inclusive, formação pessoal, como foi no meu caso. Ele fez uma grande diferença, ele mostrava uma vontade de ensinar que... como vou falar... todo mundo também tinha vontade de aprender. Eu aprendi muito com ele, agradeço por todos os elogios e palavras de incentivo, por

mostrar onde eu podia e precisava melhorar, mas, sem me expor pra classe, simplesmente conversando comigo. Acho que hoje eu aprendi a me valorizar mais, mostrar para as pessoas o que eu quero, o que eu posso fazer”.

“Ele viu as minhas dificuldades, ele sabia que eu sabia muito pouco, mas em nenhuma hora ele fez qualquer comentário pra classe, que as pessoas pudessem ficar me “zoando”. Tipo...ele preferiu me ajudar do que, vamos dizer assim..., me enfiar mais ainda no fundo do poço. Se ele tinha alguma coisa pra falar, ele sempre me chamava na mesa dele ou pedia pra conversar comigo no intervalo. Foi isso que foi importante, essa atenção e todo esse jeito que ele teve pra lidar com as minhas dificuldades que mudou completamente a minha relação com a matemática”.

### **A influência na escolha profissional**

“Foi nessa nova escola que eu encontrei o professor que me fez gostar de matemática, que me ajudou e que, inclusive, me influenciou muito na escolha da minha faculdade”.

“Não só comecei a gostar como acho que foi fundamental pra eu entender física. Se eu não soubesse matemática também não iria entender física. Não iria entender a parte de elétrica que eu gostei tanto e que fui, assim, decidindo o que eu queria fazer”.

“Hoje, faço Engenharia Elétrica, não é exatamente o que o meu pai queria, mas acho que ele está feliz. Ele viu toda a minha mudança, gostou muito quando eu comecei a entender matemática”.

## ANEXO 3

### **SUJEITO C: “HISTÓRIA: DE UMA RELAÇÃO AVERSIVA À FORMAÇÃO DE UM CIDADÃO CRÍTICO”**

#### **História apresentada como uma disciplina decorativa**

“Eu tinha uma relação completamente aversiva com História, eu posso falar que eu odiava História. A História foi apresentada pra mim como uma matéria decorativa, tinha que decorar, era a única saída pra ir bem na prova. E eu nunca fui muito bom pra decorar, nem número de telefone eu não decoro”.

“O problema começou a ficar grave a partir da 5ª série. Foi a mesma professora durante os quatro anos”.

#### **A mediação aversiva**

“A professora tinha um relacionamento muito difícil com os alunos, ela não sabia se relacionar, ser simpática, ficar amiga dos alunos. Ela tinha um jeito autoritário, era brava, exigente, gritava bastante, chegava até a ser grossa muitas vezes. Não gostava que ficassem fazendo perguntas, não admitia que ninguém tivesse dúvidas”.

“As aulas dela eram as mais desmotivadoras possíveis. Quando tinha aula dela, podia preparar a mão e a caneta, era copiar da lousa sem parar. Ela não gostava de usar livros. Dizia que a cópia ajudava a ir decorando e fazia com que a classe ficasse em silêncio copiando. E no final da aula tinha que levar o caderno pra ela dar visto. Se alguém não tivesse copiado ou estivesse faltando parte ela fazia escrever o texto três vezes de novo”.

“Depois da cópia do texto da lousa, a gente praticamente fazia uma outra cópia porque ela dava questões sobre o texto. As questões eram sequenciais. Então, não exigia reflexão nenhuma. Era pegar o começo do texto, ali tava a primeira pergunta e assim ia seguindo. Foram raras as vezes que ela fazia explicações. Sempre ficava sentada na mesa dela, só levantava pra ficar passando o texto na lousa, isso quando não pedia pra alguma

menina que tirava notas boas passar o texto. Então ficava lá, sentada, olhando pra gente copiar, as vezes ate lixava a unha. Parecia que ela tava pensando, “o que que eu estou fazendo aqui perdendo meu tempo?”

### **O nervoso que a forma de avaliar provocava**

“Sabe que me dá até arrepios lembrar das avaliações... Eu ia mal sempre. Ela sempre pegava as perguntas do caderno. Tinha que decorar as respostas e ela só dava um ponto inteiro na questão se estivesse exatamente igual como estava no texto. Ela não gostava que mudasse as palavras”.

“E eu não conseguia, eu tinha dificuldades pra decorar. Até a minha mãe tentava me ajudar, nas primeiras provas eu ficava lendo bastante pra ver se eu decorava, depois a minha mãe ia tomando as perguntas. Às vezes eu ate acertava em casa alguma. Mas, lá, na hora da prova, me dava um branco, eu não conseguia responder, misturava tudo”.

### **Os comentários que a professora fazia na hora de entregar as avaliações corrigidas**

“E na hora de entregar a prova corrigida...eu não sei porque que ela fazia isso, acho que era maldade...ela ficava fazendo comentários. Para quem tinha facilidade para decorar, estava tudo igual ao do caderno era: “Olha que belezinha, essa sim é uma aluna aplicada, que estuda, se esforça”; quando era a minha prova: “Eu não sei porque esses alunos ainda perdem tempo vindo à escola, não sabem nada, não estudam, só me fazem ficar perdendo tempo e tinta de caneta vermelha para corrigir o monte de bobagens que escrevem; é “E” com certeza”. E me entregava a prova. Eu morria de vergonha todo mundo ficava sabendo das minhas dificuldades”.

## **Os sentimentos do aluno**

“Eu queria falar pra ela que não era isso. Que eu estudava sim, eu tentava, mas, eu tinha dificuldades, eu não conseguia ficar decorando. Mas como eu ia falar isso pra ela. Era fazer críticas as aulas dela, ela não ia aceitar, era capaz até de as coisas ficarem piores do que já estavam. E aí eu fui desanimando, nem estudar mais para as provas de História eu estudava, cheguei a repetir a sétima série”.

“Para as provas de História eu já não estudava mais. Com Geografia, Português, que são essas matérias que precisa ler, parecia que eu tava criando um bloqueio, eu não conseguia mais estudar, eu não tinha vontade, do mesmo jeito que tava acontecendo com História por causa daquela professora. Apesar de que as professoras dessas matérias também não eram das mais legais, não sabiam explicar muito bem, mas, pelo menos, elas deixavam a gente trabalhar em duplas, grupos, e isso me ajudava. Mesmo com matemática que foi uma matéria que eu ia bem, meu pai é professor de matemática então ele sempre me ajudava, minhas notas caíram, tanto que, como eu te falei, eu repeti a sétima série. Então, com certeza a relação aversiva que eu tinha com História foi me prejudicando com as outras matérias também, porque aquela professora foi criando na minha cabeça uma imagem sobre mim: que eu não tinha vontade, que eu não estudava, que eu só escrevia bobagens. Então eu não tinha vontade porque achava que todo mundo também ia pensar desse jeito”.

## **O professor do primeiro colegial**

“Bom, eu cheguei no 1º colegial bem desmotivado. A minha relação com História era a pior possível, eu não sabia nada. Mudou de professor, mas, ao invés de as coisas melhorarem, elas pioraram. O novo professor de História se importava ainda menos com os alunos. Ele mais faltava do que ia dar aula. Isso quando não chegava atrasado, passava um filme qualquer que não tinha nada a ver com a matéria. Quando resolvia dar aula era um

desastre. Escrevia algumas frases na lousa, falava meia dúzia de palavras e enchia a gente de folhinhas de exercícios; pedia pra entregar, mas, acho que ele nunca chegou a corrigir. Ou seja, mais um ano perdido, sem aprender nada. Sinceramente não sei o que foi pior. Esse professor não tava nem aí, nem avaliação ele fazia”.

“Bom, aí, quem já sabia História ia estudando sozinho, por conta. Mas, eu não conseguia, eu tinha um trauma tão grande que eu não conseguia pegar o livro pra ler. Então ia ficando cada vez mais atrasado, mais desmotivado”.

“Eu acho que esse professor foi mais ou menos aquele tipo de pessoa assim...como vou dizer...aquelas pessoas que passam pela sua vida, não levam nada e também não deixam nada, elas simplesmente passam. Com ele foi mais ou menos isso que aconteceu. Ele não deixou nenhuma marca em mim, nem boa e nem ruim. Quer dizer... ruim acho até que ele deixou sim. Eu continuei com todos os meu problemas, com todas as minhas dificuldades com História, ele nunca percebeu minhas dificuldades, também, nem avaliação ele fez direito. Ele não mostrava gostar do que fazia, ele faltava demais, às vezes passava filme, deixava a gente assistindo e ia embora. Ele queria que a gente fosse...tipo autodidata sabe? Ele distribuía folhinhas de exercício, dava pra gente responder e pedia pra entregar só que ele nunca devolvia. Quem tinha mais facilidade respondia, depois um copiava do outro só para entregar, era aquela bagunça”.

“Eu copiava dos outros também. Eu tinha dificuldades, o professor não tava nem aí...o que que eu ia fazer? Então, por isso que eu disse na outra entrevista que eu não sei o que foi pior. Esse professor ele nunca falou uma palavra a meu respeito, ele não ficava me expondo pra classe, só que também não me ajudou em nada, ele simplesmente deixou as coisas como estavam. Eu continuei com o sentimento de que eu era incapaz de gostar, de aprender História”.

### **A mudança ocorrida no segundo colegial**

“No 2º colegial, nem sei porque, mas graças a Deus, esse professor saiu da escola. Veio um professor novo de História que mudou completamente minha relação com essa matéria”.

“O professor Herculano era “o professor” de História”.

## **A mediação positiva**

“É claro que no começo eu fiquei meio com um pé atrás. Mas, logo no primeiro dia deu pra perceber a diferença. Ele logo mostrou muita vontade de ensinar, se mostrou preocupado. Começou a perguntar o que a gente já tinha visto, se a gente tinha entendido, como estava, se a gente achava legal ele voltar um pouco...”

“A própria classe explicou toda a situação pra ele, de como tinha sido o nosso primeiro colegial, com poucas aulas, o professor não ligava muito, fez muito poucas explicações, enfim, a gente tinha aprendido muito pouco. Ele não desanimou. Disse, muito confiante que a gente não podia desanimar, que a gente não podia chorar pelo leite derramado. Que ele sentia muito pelo que tinha acontecido, mas que a gente podia recuperar o tempo perdido, era só ter vontade”.

“Ah! As aulas dele eram muito jóias. Ele conseguia prender nossa atenção. Ele explicava muito bem, falava em voz alta, mas, não de um jeito autoritário, de um jeito, vamos dizer..., firme que mostrava saber muito do que estava falando. Às vezes ele brincava, fazia algum comentário durante a explicação que ajudava a descontrair, não ficava cansativo as explicações”.

“O caráter crítico que ele tentava implantar em sala de aula, denunciando, por exemplo, as privatizações "esquisitas" feitas pelo governo FHC, davam um tom bem sério a aula. Claro que esta é uma tarefa árdua - conscientizar os alunos -, pois não é da noite para o dia que se derruba todo este estado de coisas e sua máquina propagandística. Mas ele bem que tentava...”

“Na escola ele era o único que tomava iniciativas referentes a debates, filmes de conteúdo crítico e, quando havia apresentações de trabalhos aberto ao público, a sala que ele era responsável tinha sempre um destaque maior”.

## **O professor percebeu as dificuldades do aluno**

“As aulas dele eram também bastante participativas. Ele abria bastante espaço para perguntas, gostava que perguntassem. Eu me sentia um pouco frustrado nessa parte. Eu me

sentia inseguro para perguntar, tinha medo de falar bobagem, eu nunca perguntava nada, apesar de estar sempre atento as ótimas explicações dele”.

“Eu acho que ela já estava prestando atenção em mim já fazia algum tempo. Porque o meu comportamento na aula era bem diferente dos outros alunos. O jeito como ele dava aula estimulava as perguntas, a grande maioria da classe perguntava. E eu ficava prestando muita atenção na aula, mas nunca perguntava nada. Várias vezes ele olhava pra mim, parecia que tava perguntando: “e você não vai perguntar nada?”. E eu, com medo que ele perguntasse mesmo e eu me atrapalhasse todo e não conseguisse falar nada, eu olhava pra outro lado”.

“Um dia, na hora da saída ele me parou e quis saber porque que eu nunca perguntava nada, se eu não estava entendendo, se ele não estava sendo claro nas explicações. Eu disse: “Que isso professor, e impossível não entender o que o senhor fala. Suas explicações são ótimas, eu estou sempre prestando atenção”. Então ele perguntou se eu era muito tímido e não gostava de ficar fazendo perguntas. Aí eu falei pra ele da minha insegurança, da minha dificuldade pra decorar, de que eu sempre tinha ido mal em História. Ele falou então que precisava conversar melhor comigo”.

“É até engraçado eu falar que eu lembro desse dia. Mas eu realmente lembro exatamente. Porque foi um dia realmente muito importante pra mim, que me marcou muito, foi o início de toda a mudança. Eu tava saindo da classe e ele me chamou de volta na sala, eu já fiquei nervoso, ne. Aí ele perguntou, aquilo que eu te falei na outra entrevista, porque que eu não participava das aulas, porque que eu nunca perguntava nada, se eu tava com alguma dificuldade, se eu não estava entendendo o que ele explicava, se ele não estava sendo claro nas explicações, enfim. Eu me senti tão feliz com aquela preocupação dele, o fato de ele achar que o problema era na explicação dele e não só comigo. Sabe uma sensação de que ele queria dividir o problema comigo? Aí eu falei pra ele que o problema não eram as explicações dele, pelo contrário, elas eram muito boas, eu é que tinha dificuldades”.

“Logo na outra aula, ele perguntou se eu podia conversar com ele na hora do recreio. Eu fui e aí ele me falou que tinha ficado chocado com o que eu falei que tinha dificuldade pra decorar. Ele falou que História não é pra decorar, que é uma matéria muito legal, que eu só precisava entender, que uma coisa vai puxando a outra, que tem uma

seqüência, um acontecimento e sempre consequência de alguma coisa. Ele falou que eu precisava aprender a estudar, eu precisava aprender a ler um texto e não querer decorar tudo, eu precisava tirar os pontos principais e entender, não decorar”.

### **A ajuda do professor**

“Então, ele começou, além de ajudar a classe (porque ele começou a pedir trabalhos em grupos e apresentações para voltar um pouco e ajudar a gente entender a matéria do 1º colegial que a gente não tinha tido) ele passou a me dar uma atenção especial”.

“Foi assim: ele disse que estava disposto a me ajudar, que bastava eu querer. Que eu teria que me esforçar um pouco, teria que fazer algumas coisas extras, fora das aulas, mas, que se eu me empenhasse eu passaria, pelo menos, a gostar de ler. É engraçado, mas, eu lembro dele me perguntando, como se fosse hoje: “E aí, aceita o desafio”?

“Eu, lógico, aceitei. Acho que a gente tinha tido, mais ou menos, um mês de aula, mas, eu já gostava dele, do jeito dele, eu confiava nele, ele era uma pessoa que passava confiança, ele acreditava nas pessoas, que tudo tinha solução e isso me animava”.

“Ele achou um jeito bem legal de me mostrar um melhor jeito de estudar, de ler e entender o que eu estou lendo. Ele começou a me trazer reportagens de jornais e revistas. Eram reportagens que não eram exatamente da matéria, quase sempre eram reportagens que falavam de questões sociais, pobreza, analfabetismo, reportagens que falavam da situação social e econômica do país. Ele pedia que eu levasse pra casa, lesse e escrevesse, mesmo que fosse em tópicos o que eu tivesse entendido”.

“Foi muito legal. No começo, eu tinha um pouco de dificuldades, escrevia algumas frases ou palavras tiradas do texto mesmo e levava pra ele. Ele lia e sempre me incentivava: “estou gostando de ver, esta indo muito bem, continua assim, ta jóia, tem exatamente os pontos mais importantes”. Nem sei se estava tão bom assim mesmo, mas, o mais importante foi que ele não me deixou desanimar, ele me encorajava e eu fui acreditando”.

## **Os sentimentos provocados pela mediação positiva**

“Infelizmente são poucos os professores que se preocupam com os alunos, que se preocupam em que tipo de pessoas irão formar. Por isso eu acho que esse meu professor foi fundamental na minha vida, ele conseguiu aumentar minha auto-estima, mostrou que eu podia aprender, entender História e mais ainda ele me influenciou a ser um cidadão crítico, preocupado com os problemas sociais”.

“Então, ele sempre fez todo um trabalho de conscientização, de formação crítica. E é claro que todo esse trabalho atingiu cada aluno de uma maneira. Pra mim representou toda essa fase de mudança, toda essa preocupação que ele teve, que me mostrou que eu podia aprender, entender História e mais que isso me ajudou na minha formação como pessoa. Não só uma preocupação ali, com a matéria História, mas toda uma preocupação com a sociedade em geral. Essa foi a grande influência dele. Foi um grande professor. Filosofando um pouco, acho que o mundo precisava de mais pessoas como ele”.

## **A nova relação com História e a formação de um cidadão crítico**

“Porque nas aulas dele, ele às vezes lia alguma reportagem de jornal, então trabalhava sempre com questões atuais, com questões de preocupações sociais e sempre tinha espaço para discussões. Os debates que hoje eu faço na faculdade, eu já fazia nas aulas dele. Nos trabalhos que ele pedia pra entregar ele sempre pedia pra por a nossa opinião, nossa crítica. Ele pedia bastante trabalho em grupo, era muito legal ver as diferentes opiniões, as discussões, dentro do próprio grupo. Então, ele tentou passar a formação de um cidadão crítico, ligado nos problemas sociais pra todo mundo. Ele teve que fazer um trabalho a mais comigo por causa das dificuldades que eu tinha de entender um texto. E funcionou, porque eu fui me interessando cada vez mais por essas leituras que falam de sociedade, de política, enfim, e olha que muitas vezes elas não são fáceis de entender não...eu vejo hoje na faculdade”.

“No final do 3º colegial eu praticamente me sentia um outro aluno. Foi uma grande evolução, o meu progresso foi visível. E uma pena eu não ter os papéis que eu escrevi a primeira e a última reportagem pra eu te mostrar. As primeiras eram em tópicos, com frases

copiadas da reportagem, já as últimas, eu reescrevia as frases, sempre colocava o meu posicionamento no final”.

“Meus textos dessas reportagens que ele me dava se transformaram praticamente em resenhas críticas; eu colocava os pontos principais e no final fui aprendendo a dar minha opinião, fazer minhas críticas, mostrar o meu modo de pensar. O legal, pra que eu me interessasse mais, era que as reportagens eram bem atuais, era o que tava falando na televisão também. E ele sempre já fazia algum comentário da reportagem que eu ia ler pra que eu fosse me interessando”.

“Por isso que eu já disse muitas vezes que esse professor foi meio que uma influencia ideológica na minha vida, na escolha da minha faculdade. Ele demonstrava claramente suas preocupações sociais, nas aulas dele sempre tinha um pouco de discussão política. E tudo isso sempre foi me interessando, com as reportagens que ele me dava, sempre puxando pra esse lado, eu também fui ficando bastante crítico e cada vez mais interessado em ler. Cheguei a ler Marx (Manifesto Comunista) no 3º colegial, o professor, vendo o meu interesse foi me indicando outros autores como Frei Beto, Leonardo Boff, e tantos outros. Era nítida a minha mudança em sala de aula, eu participava, fazia críticas, nos trabalhos em grupo, todo mundo queria fazer comigo, eu passei a ter muita facilidade de entender os textos e foi ficando cada vez mais claro que eu queria fazer Ciências Sociais. É claro que eu tive que fazer dois anos de cursinho, porque eu não tenho condições de pagar uma faculdade particular e o ensino público esta cada vez pior e não oferece base nenhuma para quem quer prestar vestibular para entrar em uma universidade pública”.

“Bom, ele não foi uma espécie de José Dirceu - o mentor ideológico de Lula -, nem fez em mim uma "lavagem cerebral", como diz o senso comum. Mas, ele traz consigo um conhecimento muito grande em relação à política, ou melhor dizendo, a geopolítica. Quando o conheci, confesso que fiquei impressionado com tanta História. E, na situação em que eu me encontrava, ele foi fundamental, ele soube como me ajudar e acabou me influenciando com as suas idéias de militante político que ele e. Talvez nem sei se intencionalmente ou não... Mais o mais importante foi que eu gostei, que eu me interessei, que me ajudou muito a superar minha relação aversiva com História. Através das leituras que eu ia fazendo, dos livros que ele me indicava, alguns autores fantásticos, com idéias maravilhosas, preocupados com a sociedade eu fui decidindo a minha profissão”.

## ANEXO 4

### **SUJEITO D: “UMA HISTÓRIA DE MEDIAÇÃO POSITIVA MUDOU A RELAÇÃO COM BIOLOGIA E INFLUENCIOU NA ESCOLHA PROFISSIONAL”**

#### **O sujeito D até a 5ª série**

“Bom, acho que é legal eu começar contando que ate a 8ª série eu estudei em escola pública”.

“Então...eu sempre fui uma boa aluna (pelo menos era o que eu achava até começar a sexta série). Assim... eu não era a melhor aluna da classe, eu tinha um pouco de dificuldades, às vezes acho que era um pouco tímida demais, mas eu ia me virando, sempre tirava uma nota razoável”.

“Quando chegou na 5ª série, eu lembro que eu estava um pouco assustada. Era toda aquela novidade. Não era mais um professor só, era um professor pra cada matéria. Mas até que foi bem, eu estava me adaptando e os professores até que colaboraram, foram bem legais”.

“Então, até a 5ª série nunca tinha tido nenhum problema com nenhum professor, tava indo tudo bem”.

#### **A professora de Ciências que teve a partir da 6ª série**

“Na sexta série, trocaram alguns professores...e a professora de Ciências foi uma delas. Foi aí que tudo começou!”

“Eu não sei porque, mas ela pegou uma implicância tão grande comigo, ela tinha umas atitudes que me prejudicaram muito, eu passei a não suportar Ciências que era a matéria que ela dava”.

“Acho que não só uma implicância, ela realmente não gostava de mim. E o que mais me atormentava era que por nada... eu nunca tinha feito nada pra ela. Ela já começou a implicar comigo logo na primeira semana”.

### **A mediação aversiva**

“Ela gostava que a gente ficasse copiando textos da lousa. De vez em quando ela resolvia explicar. Mas eram explicações muito ruins, ela se perdia no que tava falando. Começava falar uma coisa, não terminava, começava outra. Fazer perguntas, tirar dúvidas nem pensar, ela nunca deixava espaço para perguntar. Então era muito ruim, se olhasse pra classe enquanto ela estava explicando, você não achava um que estivesse prestando atenção, ela não conseguia envolver os alunos. Pra falar de verdade, as aulas dela eram um tédio. Era sempre a mesma coisa, ela não fazia nada de diferente na aula”.

“Ela tratava a gente como se a gente estivesse na 1ª série, ela dava uns exercícios pra fazer na classe que eram ridículos, coisinhas de pintar, de completar, parecia que ela não fazia questão que a gente aprendesse de verdade”.

“Ela mantinha uma relação muito distante com os alunos, tinha um “buraco” muito grande entre ela e os alunos”.

“Ela tinha um jeito bem autoritário que já deu pra perceber logo no primeiro dia. Já chegou impondo um monte de regras: “Não pode andar pela classe”; “Não pode fazer perguntas durante as explicações”; “Não pode fazer duplas pra resolver exercícios”, enfim, era um monte de “não pode” pra tudo. Então acho que isso já prejudicou um pouco. Ela não estava se mostrando muito disposta a criar uma boa relação com os alunos. Ela só queria ir lá, queria que os alunos ficassem sentados, olhando pra frente...se estavam aprendendo ou não...não importava...ela achava que estava fazendo a parte dela”.

### **A hora da avaliação**

“Mas aí é que estava a história, na hora da prova ela complicava tudo. Colocava uns exercícios totalmente diferentes do que ela tinha dado, aí todo mundo ficava perdido. E ela parecia que sentia prazer em fazer isso, precisava ver a cara dela nos dias de prova”.

“Nas avaliações não só eu ia mal, mas, grande parte da classe também ficava de recuperação em Ciências”.

“Nas aulas ela exigia muito pouco. A gente fazia o mínimo de exercícios, as poucas explicações que ela dava eram muito ruins, nunca corrigia os poucos exercícios que a gente fazia. Agora...na hora da prova...era queria era “ferrar” mesmo (desculpa pela palavra, mais era isso). Ela dava uma prova enorme, com vários exercícios, que mesmo que a gente soubesse, não daria tempo para resolver. E ela colocava os exercícios mais difíceis e exigia respostas elaboradas pra ganhar um ponto inteiro. Se explicasse só mais ou menos era meio ponto. Isso quando ela não colocava coisa que ela nem tinha dado ainda. E aí de quem você reclamar... ia ouvir com certeza”.

“Então, acaba que você vai deixando de estudar. Você estuda, chega lá tem uma prova absurda dessa. Aí é nota baixa em cima de nota baixa. Isso vai acabando com você, vai te desanimando totalmente”.

### **Atitudes da professora que marcaram o sujeito**

“Ela fazia questão de me chatear. Vou contar o absurdo que chegou a implicância dela. Ela implicava com o meu cabelo, parece mentira né? É até engraçado lembrar agora disso, mas no dia eu fiquei arrasada. Eu tinha um cabelo comprido e às vezes eu ia com ele solto. E foi logo na primeira semana, um dia ela fez um escândalo por causa do meu cabelo, me fez passar a maior vergonha. Começou a gritar na classe: “o que que é isso, que juba é essa, assim você não consegue estudar, espera aí que eu vou dar um jeito”. Ela pegou um desses elásticos de dinheiro, sabe, e foi lá prender o meu cabelo. Eu fiquei arrasada, a classe inteira deu risada de mim. Agora eu pergunto o que que o cabelo influencia na aprendizagem? Sabe...eram umas coisas que não dava pra entender, mas me chateava muito. Mesmo assim, a partir desse dia eu sempre ia de cabelo preso”.

“E outra coisa que ela fazia e era horrível era chamada oral. Mas, não era assim...que ela chamava na mesa dela e perguntava, ela não, ela gostava de fazer na frente da classe, todo mundo ouvindo. Aí, o problema era quando você não sabia, ela ficava pressionando: “vamos, responde, tá todo mundo esperando, será possível que você não sabe?”. Era terrível, eu realmente chegava a passar mal no dia que ela resolvia fazer essas

chamadas orais, me dava ânsia de vomito. Quando não era surpresa, quando ela avisava que ia ter, eu inventava qualquer coisa pra não ir pra escola, eu não queria passar vergonha na frente dos meus colegas”.

“Ah!!! Lembrei também de um dia, acho que ia ter essas feirinhas de Ciências que as escolas fazem sabe? Daí ela tinha pedido pra que a gente fizesse umas maquetes, nem lembro direito sobre o que que era. Ah! Era pra fazer uma maquete que mostrasse os tipos de terreno: planalto, planície, vale, ilha... e... acho que era isso”.

“Nossa... eu lembro que era pra entregar na segunda-feira, eu fiquei o final de semana em casa fazendo, recortando, colando, ate meu pai me deu algumas idéias. Ficou super bonitinha, tava simples, mas, tudo certinho, muito bem explicadinho, com nome de cada coisa. Eu estava empolgada, orgulhosa, porque meu pai tinha me dado algumas idéias, mas eu e que tinha feito sozinha”.

“Na segunda-feira que era pra entregar, eu lá toda feliz com a minha maquete, foi uma grande decepção. Ela mal olhou pra minha maquete, não fez nenhum elogio. O que fez foi, na hora que ela tava arrumando as maquetes na sala, ela colocou a minha no chão. A minha e mais umas quatro. As nossas não estavam erradas! Tudo bem, tinha algumas maquetes maiores, que chamavam mais atenção, mas, acho que ela não podia ter feito isso, a gente tinha se esforçado, cada um tinha feito o melhor que pode, ela não precisava ter feito isso. Um dos meninos que a maquete também tava no chão, foi tentar reclamar com ela. Mas que... ela falou que a gente não tinha vontade, que a gente era preguiçoso, que aquele era o castigo pra ver se a gente aprendia a caprichar mais”.

“Eu fiquei arrasada. Pra mim foi um balde de água fria!”

“Eu tinha me esforçado, eu tinha feito o melhor que eu podia. Imagina como eu me senti com isso que ela fez. Sabe... eram essas coisas que iam me desestimulando, eu ficava faltando nas aulas dela, pra me livrar dela”.

## **Os sentimentos do aluno**

“E as minhas dificuldades só foram aumentando, eu tinha verdadeiro pânico de estudar Ciências, eu ficava lembrando das aulas dela, de como ela me tratava”.

“E eu fui ficando tão apavorada que eu comecei a ir mal nas outras matérias também. Eu comecei a faltar muito nas aulas, eu não tinha vontade nenhuma de ir pra escola”.

“Eu fui agüentando essa situação ate a 8ª série. Mas eu mudei muito do que eu era na 5ª série. Aquilo que eu te falei, eu não era a melhor aluna, mas sempre tinha sido atenciosa, não faltava. A partir da 6ª série, com toda essa situação que essa professora de Ciências causou, eu fui desanimando, fui ficando relaxada, faltava demais”.

“Agora...a historia do cabelo, do dia em que ela prendeu meu cabelo com elástico de dinheiro foi...vamos dizer assim... um choque pra mim. Eu não esperava essa atitude dela. O jeito que ela falou comigo, a forma como me tratou me deixou muito chocada mesmo. Porque os professores sempre me trataram super bem, eu tinha um jeito de “quietinha”, então eu me dava bem com os professores, eu era daquelas alunas que nunca levava bronca sabe, nunca nenhum professor tinha me chamado atenção”.

“Então ela me assustou. Eu fiquei...como vou te falar...acho que medo mesmo dela, de perguntar qualquer coisa pra ela, eu tinha medo da reação que ela poderia ter. Eu já tinha visto o jeito que ela tinha tratado alguns alunos que levantavam e iam perguntar alguma coisa pra ela. Ela fazia voltar pro lugar imediatamente, aos berros, falava que aquela hora não era hora de perguntar. Mas, pra ela nunca era hora. Então como que eu podia, aprender, gostar de Ciências com essa mulher, nem tirar duvidas ela deixava. Ela gostava de ficar lá fazendo chamada oral na frente de toda a classe, ficava pressionando pra responder, me dava um nervoso tão grande que eu esquecia tudo”.

### **A ajuda dos professores das outras disciplinas**

“A tragédia só não foi pior, eu não repeti nenhum ano porque os outros professores perceberam as minhas dificuldades, que as minhas notas estavam caindo e me ajudaram um pouco, pediam trabalho pra eu fazer em casa, valendo ponto pra me ajudar”.

“Esses outros professores ate tentaram ir falar com essa professora, que eu estava com dificuldades se ela não podia fazer nada, enfim, se ela não podia me ajudar. Ela respondeu pra eles que era o jeito dela, que ela tratava todos os alunos igual e que o

problema era comigo e não com ela. Acho que foi até pior fazer isso, acho que ela ficou com mais implicância ainda comigo”.

### **A mudança para um colégio particular**

“Ai que o meu pai quando eu ia começar o 1º colegial, pra tentar me ajudar, me colocou em um colégio particular”.

“Eu tava num estado tão desanimada, que eu não estava nem me importando. Mas eu fui. Foi a melhor coisa que eu fiz”.

### **O primeiro contato com a professora de Biologia**

“Quando conheci a professora de Biologia, pensei comigo: “Ah meu Deus, não é possível, e o meu destino ter professor ruim de Biologia”! Ela era um pouco estranha, tinha um jeito meio maluco, com uma tatuagem no dedo. Achei que ia ser pior do que com a outra. Mas foi aí que eu me enganei, ela foi a melhor professora que eu já tive!”

“Bom, no primeiro dia de aula ela se apresentou (porque ela também era nova na escola) e pediu que cada um se apresentasse e falasse se era aluno novo, de que escola tinha vindo, se tinha vindo de escola pública, enfim, ela queria ir conhecendo os alunos. Na minha vez, eu falei que era de escola pública (eu era a única aluna nova da classe), ela foi super boazinha, falou que eu não precisava me preocupar, que eu conseguiria acompanhar a classe legal, que eu não ia ter problemas. Mal sabia ela dos problemas que eu já tinha”.

### **A mediação positiva**

“As aulas foram indo e eu fui vendo que com ela ia ser diferente. Ela era diferente... Apesar de todo aquele jeito meio maluquinho que ela tinha, que parecia meio desligada, ela sabia muito, era muito inteligente, e o mais importante, ela sabia ensinar”.

“Ela era bióloga formada e na parte da tarde trabalhava em um mini-zoológico, em uma outra cidade perto da minha. Ela demonstrava verdadeira paixão pelos animais”.

“Ah, as aulas dela eram tudo de bom. Ela se esforçava o máximo para que todo mundo aprendesse. E lia texto, explicava, entregava folhas com esqueminhas para ficar mais fácil de a gente entender, desenhava na lousa. Ela explicava, perguntava se todo mundo tinha entendido, se alguém não entendia ela explicava de novo, até que todo mundo tivesse entendido e conseguisse resolver os exercícios. Deixava livre para quem quisesse resolver os exercícios em dupla, em grupos e ia andando pela sala atendendo cada aluno que precisasse. Depois fazia questão de corrigir os exercícios na lousa, quase que explicando a matéria de novo. Era muito legal. Varias vezes, quando tava explicando sobre moluscos, artrópodes, insetos, peixes, anfíbios, répteis, enfim, ela levava os bichinhos pra gente ver de perto, mostrava onde ficava cada coisa, era uma sensação. Todo mundo adorava, às vezes ela deixava pegar na mão; quando ela levou uma cobra na sala de aula todo mundo ficou agitado. A classe inteira adorava”.

“Ela conquistou a classe, tinha uma relação ótima com os alunos. Principalmente, no 3º colegial, ano de prestar vestibular ela dava o maior apoio para os alunos, dava dicas de faculdades, sempre fazia listas com exercícios de vestibulares, foi uma super professora”.

### **A atenção da professora com o aluno**

“Mesmo eu tendo gostado dela... ela foi super atenciosa comigo, porque eu era a única aluna nova na sala, foi difícil eu conseguir me recuperar...assim...tão rápido. Mesmo ela já me ajudando, me incentivando a estudar em grupos, eu fui mal na primeira prova. Ai ela já quis conversar comigo. Mas ela achava que era só porque eu era aluna nova, que ainda não tinha me adaptado. Ai que eu contei pra ela que era bem mais que isso, que eu tinha tido problemas com Ciências até a 8ª série, por causa da relação com a professora”.

“Ela foi super atenciosa, me disse que se ela já estava ficando em cima de mim para que eu me adaptasse o mais rápido possível, agora e que ela ia me ajudar mais ainda. Me perguntou com relação ao conteúdo, como eu estava... Eu disse que tava bem devagar, eu tinha muito pouca base”.

“Então, ela falou que era super importante eu começar a participar dos plantões que a escola oferecia”.

“Ela também me ajudou muito a me enturmar com a classe, sempre pedia trabalhos em grupos, assim eu ia conhecendo os outros alunos. Ela foi muito legal também nessa parte”.

### **A importância dos plantões de Biologia**

“Foi assim..., ela vendo as minhas dificuldades, ela sugeriu que eu começasse a frequentar os plantões, porque aí eu poderia ir tirando as minhas dúvidas, ela podia me explicar alguma matéria que tivesse ficado pra trás que eu não tivesse entendido, ela ia resolvendo exercícios junto comigo. Então foi uma grande ajuda!”

“Aí eu comecei a ir. Ia toda semana. E o legal é que quase nunca ia alunos no plantão de Biologia, então, era praticamente uma aula particular. Foi muito bom. E foi aí que eu fui descobrindo o meu interesse por Biologia, a gente fazia exercícios, conversava, ela me contava sobre a faculdade. Nossa, eu aproveitava pra caramba”.

“E foi mais legal ainda porque os plantões de Biologia eram muito pouco frequentados, então, a maioria das vezes eu ficasse sozinha com ela. Então, era atenção exclusiva pra mim. Ela esclarecia as minhas dúvidas, depois sempre selecionava alguns exercícios de vestibulares pra que eu resolvesse em casa. Me dava um super apoio”.

### **A proximidade da professora com o sujeito propiciada pelos plantões**

“Eu ficava encantada com a forma como ela falava. É muito bom quando você fica perto de alguém que gosta do que faz e que demonstra isso. Acho que fica tudo mais fácil. Ela ficava me contando do trabalho que ela faz no mini-zoológico, do contato com os animais, com a natureza, eu adorava ficar conversando com ela, ela mostrava ser tão legal. Ficava me contando da faculdade, das coisas que ela aprendeu”.

“É mais que isso também. Ela era muito nova, então eu conversava com ela sobre “baladas”, namorados... A gente acabou ficando muito amiga mesmo. Na nossa viagem de formatura pra Porto Seguro, ela foi com a gente. Foi muito legal, a gente se divertiu muito”.

## **Avaliações refletiam os conteúdos das aulas**

“E as provas dela eram muito bem elaboradas. Ela exigia um pouco, mas nada diferente do que ela explicava em sala. Se prestasse atenção nas aulas, dava pra fazer a prova sossegada, não precisava nem estudar”.

## **Os efeitos da mediação positiva e a influencia na escolha profissional**

“No começo do 3º colegial eu já estava decidida. Ai eu prestei em vários lugares: USP, UNESP, UNICAMP, tudo Biologia. Mas ai não deu ne...Ai, no ano seguinte eu vim pra Campinas, fiz um cursinho bem forte, ai... hoje eu to aqui na UNICAMP, fazendo Biologia. Estou adorando o curso. Em vários momentos me lembro da Erica, das conversas que a gente tinha, lembro de como ela foi importante pra mim”.

“E muito engraçado eu estar fazendo Biologia hoje. Há alguns anos atrás eu nunca pensaria em fazer nada da área de Biológicas, eu faria qualquer outra coisa desde que não tivesse que saber Biologia”.

“Eu estava com uma auto-estima muito baixa por causa de toda aquela situação com aquela professora. E ela, com o jeito dela, com as atitudes que ela teve comigo, me ajudaram muito”.

“Então, por tudo isso, ela foi muito mais que uma professora, ela foi uma grande amiga minha. Quando decidi que ia fazer Biologia e contei pra ela, ela brincou que era muito nova pra ter uma discípula. Ela me deu um super incentivo, falou que se eu gostasse realmente, ela dava o maior apoio, mas que pra eu ser feliz e ser uma boa profissional eu precisava gostar realmente. E foi isso mesmo, eu gostava e decidi que era isso mesmo que eu queria. Quando eu passei na Unicamp, fiz questão de ligar pra ela pra contar e agradecer por tudo o que ela tinha feito, por tudo o que tinha me ensinado, pelas conversas, pelo incentivo. Ela ficou super feliz, me deu os parabéns e disse que eu merecia, mas que era pra eu me preparar porque eu ia ter que estudar (risos). Até hoje, se às vezes tenho alguma duvida na faculdade eu ligo pra perguntar pra ela. E ela é sempre muito atenciosa, super

disposta a ajudar, me empresta livros, me explica alguma coisa, ela sempre da um jeito de me ajudar”.

“Ela foi nossa paraninfa na formatura. Ela foi muito importante pra mim especialmente, mas a classe inteira gostava muito dela”.